

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DE SAÚDE
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL

ALICE BISPO FERNANDES DE ANDRADE

IN MEMORIAM DA LIBERDADE: História comum de jovens negros
em cumprimento de medidas socioeducativas

SÃO CARLOS -SP
2021

ALICE BISPO FERNANDES DE ANDRADE

IN MEMORIAM DA LIBERDADE: história comum de jovens negros em cumprimento e egressos do sistema de medidas socioeducativas

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Terapeuta Ocupacional pelo Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos.

Orientadora: Maria Fernanda Barboza Cid
Co- orientadora: Leticia Ambrosio

Parecerista: Gabriella da Cruz Santos

Financiamento: FAPESP - Processo
2020/09441-3

São Carlos-SP
2021

FOLHA DE APROVAÇÃO

	<p>UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS</p> <p>Centro de Ciências Biológicas e da Saúde</p> <p>Departamento de Terapia Ocupacional</p> <p>Coordenação do Curso de Terapia Ocupacional</p>
---	---

Roteiro para análise de Trabalho de Conclusão de Curso

Título do Trabalho de Conclusão de Curso: IN MEMORIAM DA LIBERDADE: História comum de jovens negros em cumprimento de medidas socioeducativas

Aluna: ALICE BISPO FERNANDES DE ANDRADE

Orientadora: Maria Fernanda Barboza Cid

Co-orientadora: Leticia Ambrosio

Parecerista: Gabriella da Cruz Santos

Itens para análise:

1- Análise dos objetivos do trabalho (se estão bem definidos, bem justificados, se são relevantes para a área da Terapia Ocupacional, se são pertinentes para um Trabalho de Conclusão de Curso). Comente.

Os objetivos propostos neste trabalho foram apresentados de forma bem definida, justificada, e pertinente para um Trabalho de Conclusão de Curso; com conteúdo, qualidade e desenvolvimento para além. Ainda que não faça referência direta a Terapia Ocupacional, é um trabalho extremamente relevante para a construção de conhecimento na área da adolescência e juventude, trazendo a perspectiva das vivências cotidianas, construção da subjetividade e papéis ocupacionais do público estudado.

2- Análise dos referenciais teóricos utilizados (pertinência ao tema abordado, atualidade, coerência e aprofundamento). Comente.

A pesquisadora utilizou de referenciais teóricos, desde os mais atualizados até os mais clássicos e relevantes para subsidiar a discussão sobre questões etno-raciais, adolescência e juventude, medidas socioeducativas, masculinidade, saúde mental; fazendo relações e discussões muito coerentes e pertinentes ao tema que se propôs abordar. Nota-se um estudo

cuidadoso, atento e muito bem fundamentado.

3- Análise dos métodos e procedimentos empregados (se respondem aos objetivos, e se estão bem descritos). Comente.

Esta pesquisa, de abordagem qualitativa, adotou uma metodologia assertiva, evidenciando cuidado e sensibilidade fundamentais para a construção do trabalho e os resultados obtidos, atentando -se para todas as exigências éticas. Toda a metodologia foi muito bem descrita, justificada, e conseguiu responder os objetivos propostos. Importante destacar e valorizar a forma brilhante e criativa que a pesquisadora encontrou para aproximar, auxiliar e envolver os participantes da pesquisa num contexto desafiador que tem sido a pandemia da Covid 19, coletando dados num formato totalmente virtual, com todos os impasses que permeiam.

4 - Avaliação sobre as reflexões, resultados e considerações apontadas pelo trabalho. Comente.

As reflexões e os resultados do trabalho foram apresentados de forma muito organizada e articulada, indo totalmente de encontro com o que foi proposto abordar. É um trabalho que se colocou a discutir e refletir sobre algo que ainda é incipiente nas medidas socioeducativas (questões étnico-raciais). Foi mencionado no trabalho o quanto algumas vivências racistas e discriminatórias podem impactar a saúde mental dos sujeitos envolvidos, sendo algo explorado brevemente. Ainda assim, tal lacuna foi reconhecida de forma geral. Outras limitações e fragilidades foram apontadas, elencando, inclusive, críticas pertinentes à forma de fazer pesquisa, principalmente com determinadas populações e contextos que se pretende investigar, ampliando a discussão para a produção científica. Tais pontos conferem destaque ao estudo.

5- Comentários gerais sobre o Trabalho de Conclusão de Curso:

Encontra-se, como um todo, uma construção inteligente, sensível, envolvente e criativa, muito bem fundamentada e contextualizada, colocando-se para além de um Trabalho de Conclusão de Curso. Racializar os estudos é imprescindível, e este trabalho se propôs a isso no contexto das medidas socioeducativas, tornando-o extremamente relevante. Os resultados mostram inúmeros conteúdos interessantes de serem aprofundados, e por isso, sugere-se a continuidade e/ ou exploração dos mesmos. Sugere-se, também, a publicação dos principais resultados obtidos neste estudo, em forma de artigo científico.

Data: 29/11/2021

Gabriella C. Santos

Assinatura do parecerista: _____

Figura 1 - Anjo no grau



Fonte: arte produzida por Fernanda de Andrade Leite para este trabalho

Essa escrita é in memoriam ao meu primo Augusto Rodrigues da Silva, a todos os meninos negros e periféricos que tem sua vida interrompida pela violência criminal racista e a minha (família Bispo da Silva) e todas as outras família que seguem a vida sofrendo a dor de uma vida jovem, negra e periférica violada.

AGRADECIMENTOS

“Minha palavra é flecha de Oxóssi banhada nas águas de Oxum, minha palavra não é só minha não [...], ela é um espaço-tempo que conecta a mente e o coração, o Aye e Orun” (Thiago Elniño)

Agradeço àquelas que me permitem o uso da palavra, minhas e meus ancestrais que abriram e seguem abrindo os caminhos para eu possa passar. Minha mãe Edméia Bispo da Silva, pelas lutas travadas em sua caminhada para que me permitisse estar aqui e por ser a mais linda inspiração que tenho.

Celebro e agradeço também a minha mãe e ao meu pai Reginaldo Fernandes de Oliveira, por me ajudarem a caminhar com segurança, amor e afeto nos caminhos tortuosos da vida e também por acreditarem e incentivarem cada passo meu.

A bença peço às minhas avós Palmira Fernandes e Eulina Bispo e ao meu avô Manoel Alexandrino da Silva é a minha Tia Eurides, anjo no céu, acompanhada de Tia Vera, pelo colo, cuidado e por todas as vezes que me mostraram a direção nessa trajetória.

Agradeço à minha esposa Fernanda de Andrade pelo porto seguro, pelo dengo, amor e cumplicidade que me sustentou e me sustenta de pé na tempestade.

De muito amor, cuidado, carinho, colo e ombros para chorar eu chego a esta conclusão desta pesquisa, deste curso, por esse cuidado desde o primeiro momento que piso na universidade agradeço a minha grande amiga, Leticia Gomes Fonseca.

Pelo lar, casa, risadas e incentivos necessários para essa conclusão agradeço ao meu primeiro lar de São Carlos, meu porto seguro, meu lugar de chegada, minha república Pagu. Queridas Juliana Perim Sena e Ana Carolina Pereira, doces amigas que me acolheram, acolhem e me transbordam de leveza nesse caminhar.

Se chego a escrita, a essa entrega e a essa conclusão tem muita pipoca, vitamina de banana e risada com a minha amiga-irmã pretinha Ervelley, agradeço imensamente pelo seu deslocar, sua entrega e seu cuidado não só na semana que antecedeu essa conclusão mas durante todo nosso caminho. E por todas as lindas ilustrações que compõe esse trabalho com de forma tão grandiosa.

Agradeço ao meu quilombo formado por pessoas pretas acadêmicas que me deram a mão e que abriram muitos caminhos pra chegar onde estou. Agradeço e honro em especial Jaime Leite, Dandara Pereira, Clau Fragelli, Magno Nunes, Sofia Martins, Beatriz Borges e todas as mulheres negras do grupo de estudos Africanidades e Feminismo: Educação e

Terapia Ocupacional (AFETO).

Ao grupo de dança Diálogos em Movimento, coordenado pela mestra Ludmilla Almeida, agradeço por irrigarem minhas raízes e mantê-las firmes na terra durante a ventania e por fazerem do fogo um instrumento de visualização do meu caminho.

Agradeço também a um grupo político mas de muito afeto e cuidado, Centro Acadêmico de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos, por me acolher e me permitir encontros com pessoas tão especiais que me deram as mãos quando eu achei que não podia mais me levantar, agradeço em especial, ao encontro e o cuidado de Giulia Falciorli, Beatriz Pugliero, Gabriela Agnello, Carla Pianca, Nana Sombini e Thayla Passoni.

Às minha afilhadas de curso e da vida, Gabrielle Trevisan e Lara Bernardo, agradeço pelo amor, pelo cuidado diário e pelo gás que foi me dado nessa reta final. Vocês são minha inspiração e orgulho.

Se o ciclo hoje pode se renovar e construir novos caminhos eu agradeço muito às minhas amigas e futuras colegas de profissão pelo apoio, pelo incentivo e por acreditarem em mim mesmo com cada tropeço: Amanda Molina, Ana Carolina Almeida, Ketlin Cristina, Julia Tinti, Rosangela Aline, Bianca Borges, Milena Izaura Castro e Iara Rocha.

Agradeço à Carla Regina Silva, à Isadora Cardinalli, e à Thelma Matsukura por terem visto em mim uma possibilidade de vida, de criação de reinvenção, por cuidarem da minha história, dos meus passos, do meu caminho.

Agradeço com muito carinho e admiração à minha orientadora Maria Fernanda Barboza Cid por me receber, me acolher, por acreditar em mim, me dar a oportunidade de compor essa pesquisa com ela e por ser meus “pés no chão” diante a intensidade emocional demanda desta pesquisa.

À minha co-orientadora, amiga e inspiração Leticia Ambrosio, por todos os escudos que construímos juntas nessa batalha, pela guiança, sabedoria compartilhada e todas as lutas que travou e trava por mim e pelas mulheres negras que vem chegando na academia.

Agradeço também a Fundação de Amparo a Pesquisa de São Paulo (FAPESP) por tão honrosa oportunidade de realizar essa pesquisa com incentivo financeiro, incentivo este que me sustentou minha existência nesse um ano.

Por fim, quero deixar meu enorme agradecimento a todos os meninos que construíram comigo essa pesquisa, agradeço pela confiança de partilhar a história de vocês conosco e nos conceder a possibilidade de fazer ela ecoar. Agradeço aqui também à equipe do serviço de medidas socioeducativas que me recebeu de forma muito acolhedora, vocês também são pilares desta pesquisa e serei sempre muito grata a isso.

RESUMO

Compreende-se, neste estudo, o racismo como importante elemento de discriminação e racialização dos corpos jovens e masculinos, tornando assim, a experiência de vida direcionada à marginalização e estigmatização criminal. Partindo das possíveis relações entre a formulação das medidas socioeducativas e os estudos raciais, esse trabalho teve como objetivo compreender e analisar como as questões em torno da raça e da masculinidade atravessam a história de jovens em cumprimento de medidas socioeducativas. Para isso, o estudo adotou a metodologia da história oral e contou com a participação e coprodução de quatro jovens que se auto identificam com o gênero masculino e se autodeclararam como pretos ou pardos, sendo que um estava em cumprimento de medida socioeducativa em meio aberto e três já egressos. Foram realizados quatro encontros, um com cada jovem, intermediado por um roteiro de perguntas disparadoras que auxiliaram na captação da trajetória dos jovens. As entrevistas foram transcritas e posteriormente transcriadas em narrativas/histórias, as quais foram analisadas por meio da técnica de análise de conteúdo temática. Após o estudo e aprofundamento das entrevistas, chegou-se a três temáticas que foram descritas e analisadas, a saber: I. Pega a visão que o menor vai falar: Como é ser um menino negro?; II. Toda positividade remando contra a maré: Programa de Medidas Socioeducativas em meio aberto (PMSE) e família como rede de suporte e apoio ; III. Sempre com os pés no chão, progresso vai chegar: sonhos e o lugar de si. A partir dos resultados é possível compreender a raça e a masculinidade negra como marcadores nas experiências de mundo dos meninos bem como no julgamento das medidas socioeducativas. E diante tantas violações do corpo jovem negro no mundo, o PMSE e a família surgem nas narrativas como pontos de suporte, apoio e participação social. Além disso a pesquisa aponta para a importância da viabilização de espaços e mecanismos para que os jovens negros possam contar suas próprias histórias. Acredita-se assim, que a partir de novas versões de histórias sobre jovens negros que estiveram em conflito com a lei em algum momento de sua trajetória, o presente estudo pode contribuir para a produção acadêmica na área das medidas socioeducativas, de forma a garantir uma perspectiva crítica no que tange às questões étnico-raciais e a masculinidade a partir do discurso dos próprios jovens.

Palavras chave: Juventude; Medidas Socioeducativas; Negro; Masculinidade.

ABSTRACT

In this study, racism is considered an important element of discrimination and racialization of young male bodies, pointing their life experience to marginalization and the criminal stigma. Based on the socio-educative measures formulation and the racial studies, this research aimed to comprehend and analyze how race and masculinity impact young-black-boys under socio-educative measures. For that, the research methodology was Oral History. Four young-black-boys participated in the investigation and co-production of the data. The boys are self-declared black or brown (mixed race) and male gender, and one being under socio-educative measures without freedom restraint and three egresses. Four interviews were conducted, one with each young person, intermediated by a script, with triggering questions that helped to capture the young person's story. The interviews were transcribed and turned into narratives, which were analyzed using the content analysis technique. After deepening the interviews, three categories were chosen, described and analyzed in this study: I. Take the vision that minor will speak: what is it like to be a black young?; II. All positivity rowing against the tide: Socio-educative Measures Program (PMSE) without freedom restraint and family as support; III. Always with their feet on the floor, progress will come: young's dreams and self-places. According to the results, it is possible to comprehend race and black masculinity as markers in the world experience of young people as well as in the judgment of socio-educative measures. Despite many violations, PMSE and family emerge as support and space to increase social participation. In addition, the research pointed out the importance of facilitating spaces and mechanisms for young people to tell their own history. It is considered that this research contributes to academic studies about black-young-males who have been in conflict with the law at any point in their lives, based on the critical perspective that touches ethnic racial and masculinity issues from the point of view of young young boys.

Key-words: Youth; Socio-educative Measures; Black man; Masculinity.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - caracterização dos participantes	45
---	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Um anjo no grau.....	04
Figura 2 - convite imagético.....	22
Figura 3 - contato e seleção dos jovens	23
Figura 4 - Pardal.....	29
Figura 5 - Bryon.....	32
Figura 6 - Criolo.....	37
Figura 7- BL.....	41
Figura 8 - A vitória dos pretos já pra chegar	61

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1.1. Medidas Socioeducativas e Raça: possíveis relações	12
1.2. Criminalidade juvenil e o corpo do jovem negro	15
1.3. Levantamento bibliográfico e justificativa	17
OBJETIVOS	18
2.1. Objetivo Geral	18
2.2. Objetivos Específicos	19
METODOLOGIA	19
3.1. Participantes	20
3.2. Local da Pesquisa	20
3.3. Procedimentos	20
3.3.1. Aspectos Éticos	20
3.3.2. Identificação e localização dos participantes	21
3.3.3. Produção dos dados	24
3.3.4. Construção do roteiro dos encontros	24
3.3.5. Tratamento dos dados	25
3.3.6. Análise dos Dados	26
RESULTADOS E DISCUSSÃO	26
4.1. Caracterização dos participantes	26
4.2. Moleque mandrake versão chapa quente: apresentação das histórias	28
Pardal	29
Bryon	32
Criolo	37
BL	41
4.3. Apresentação e discussão das temáticas que emergem das narrativas	44
4.3.1. Pega a visão que o menor vai fala: Como é ser um menino negro?	44
4.3.2. Toda positividade remando contra a maré: PMSE e família como rede de suporte e apoio	50
4.2.2.1. O Programa de Medidas Socioeducativas	50
4.2.2.1. A família	53
4.3.3. Sempre com os pés no chão, progresso vai chegar: sonhos e o lugar de si	54
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
7. REFERÊNCIAS	60
APÊNDICES	63

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO RESPONSÁVEIS	
63	
APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO JOVENS	66
APÊNDICE C - ROTEIRO UTILIZADO NOS ENCONTROS COM OS JOVENS	69
ANEXOS	74
I - PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS	74

1. INTRODUÇÃO

1.1. Medidas Socioeducativas e Raça: possíveis relações

No fim do século XIX e início do século XX, o cenário brasileiro vivenciava o início do êxodo rural, o qual resultou em um inchamento das cidades e na formação de uma *população*¹ ao redor dos pólos industriais, visto que a oferta de trabalho não conseguia atender à demanda da procura. Concomitante a isto, o fim da escravidão havia deixado seu legado pelas ruas, posto que os negros alforriados e suas famílias, após 300 anos de escravização estavam sem perspectivas de uma estruturação de equidade social entre brancos e não brancos, ainda presos pelas correntes do preconceito e da exclusão, fato que contribuiu para o aumento dos índices de pobreza, desigualdade social e criminalidade (WAQUIM; COELHO; GODOY, 2018).

Após a alforria, os negros viam-se diante uma necessidade emergente de inserção social. Ao estudar o processo de urbanização brasileira, o sociólogo Florestan Fernandes (1965), destaca que com o fim da escravidão e a mudança da exploração da mão de obra para uma sociedade competitiva não houveram políticas sociais de fomento a integração dos negros no tecido social e econômico, gerando uma espécie de estratificação, ou seja, não havia margem para mobilidade, os negros estavam e permaneceram no mesmo imaginário social de “inferiores”. Pontua ainda duas possíveis causas da estratificação: I) a manutenção de sua mão de obra voltada a agricultura, posto que os imigrantes, conforme as políticas de branqueamento, eram privilegiados para a mão de obra nas indústrias; e II) os negros foram, por meio de políticas de Estado, direcionados às periferias da cidade para construir seus lares e iniciarem suas vidas em regiões economicamente não dinâmicas, distante das melhores vagas de emprego, nos centros urbanos comerciais. Florestan (1972) aponta que essas ações resultaram em marcas de desigualdade profundas, em que o negro não participou sequer “das formas de vida social organizadas mínimas, como a família e outros grupos primários de que se beneficiavam os brancos” (FERNANDES, 1972, p.37).

Em busca de visibilidade e existência, os negros, ao longo dos anos, foram silenciando suas tradições para seguir tendências européias (MAIA, ZOMORA, 2018) e “afastado de seus valores originais, [...] o negro tomou o branco como modelo de identificação, como única possibilidade de tornar-se gente” (SOUZA, 1990, p. 18). De acordo com Souza (1990) essa ânsia por inserção ao longo dos anos foi se somando à uma busca por ascensão, assim, a

¹ Para esta pesquisa vamos considerar que população é o conjunto de pessoas marginalizadas ao redor dos pólos industriais dada a urbanização juntamente aos negros também marginalizados e excluídos após a abolição.

construção da subjetividade negra foi se moldando em uma negação de si e um iminente desejo do outro, sendo esse outro, necessariamente o branco.

Galton (1822-1911)², foi o primeiro a implementar o termo ‘eugenia’ referindo-se à “combinação perfeita” de fatores genéticos em que se estabeleceria um controle sob as características indesejáveis para um ser humano resultando na raça perfeita (TEIXEIRA; SILVA, 2017). No Brasil, o precursor desse movimento foi Nina Rodrigues (1862-1906)³, quem, com base nas teorias de Galton, afirmou que a raça negra era inferior e nociva ao desenvolvimento do Brasil, o qual só poderia ocorrer com o branqueamento da população (NEVES, 2008). Com base nesse princípio, Nina Rodrigues desenvolveu diversas teorias no campo do saber científico que correlacionavam a raça negra com estruturas e composições biológicas inferiores à raça branca; uma das grandes contribuições de Nina para as perspectivas positivistas e eugenistas da época foi a classificação de diferentes crânios para descobrir um determinado comportamento criminoso, o qual ao longo dos estudos, foi associado à raça negra (MAIA; ZOMORA, 2018).

Guiado por teorias e saberes científicos racistas da época, o Estado brasileiro passou a produzir políticas de embranquecimento, que visavam o genocídio epistêmico, cultural e social da população negra a fim de promover o desenvolvimento do Brasil (MAIA; ZOMORA, 2018). Com o objetivo de evitar uma possível revolta da população negra frente às desigualdades sociais e econômicas, as políticas governamentais passam a justificar suas ações sob a ótica da “democracia racial”. A perspectiva da democracia racial é pautada em uma suposta equidade entre negros e brancos, sob a justificativa de que todo brasileiro era fruto da miscigenação. A partir desse ideário, oriundo das obras de Gilberto Freyre, havia uma difusão no tecido social de que não existia preconceito e discriminação racial (NASCIMENTO, 1978).

Dois autores se fazem necessários para a desmistificação da “democracia racial”. Florestan Fernandes (1972) compreende o mito da democracia racial como uma forma de manter o status quo da elite dominante. Faz-se importante destacar aqui que essas formulações ainda possuem grande impacto na conjuntura contemporânea, posto que o preconceito racial segue estruturado no ideário político, econômico, psicológico e cultural da sociedade brasileira.

Na mesma linha de raciocínio Abdias Nascimento (1978) destaca que o mito da democracia racial era uma “estratégia de controle social e ideológico do Estado”

² Antropologista, meteorologista, matemático e estatístico nascido em Sparkbrook, Reino Unido.

³ Médico legista e psiquiatra nascido no Maranhão, Brasil.

(NASCIMENTO, 1978, p.79) com o objetivo de ocultar possíveis discussões da população a respeito do racismo

No que se refere à população jovem⁴, foco do presente estudo, composta, no final do século XIX e no início do século XX, por 51% da *população* (CONANDA, 2000), destaca-se, aqui, a criação, em 1927, do “Código de Menores” ou “Código Mello Matos”, que para além de uma lei, foi um projeto ideológico. Pautada em uma ciência excludente, preconceituosa e racista, essa iniciativa dá luz à associação de práticas higienistas e eugenistas à preceitos e concepções morais (ABREU; CARVALHO; 2012). Assim, aqueles jovens considerados “desviantes” de uma norma, estavam sujeitos à punição e controle do Estado.

Mais tarde, em 1964, com o início da ditadura militar, seguindo à lógica asilar de exclusão e isolamento dos manicômios, em que “limpavam” da sociedade as pessoas que não competissem à ordem vigente, consolida-se a ideia do Código Mello Matos na qual os “menores” são considerados como questão de segurança nacional (Fundação CASA, 2010). Contudo, em 1987, o Código Mello Matos, também conhecido como Código de Menores chega ao fim, deixando como herança uma concepção da criança e do adolescente como “delinquente”, “menor abandonado”, entre outras abordagens com estereótipos de cunho negativo, além de uma prática de segregação com caráter asilar e punitivo (CONANDA, 2000).

Com a formulação da Constituição de 1988, que partia de um ideário democrático, novas discussões são postas em pauta, entre elas o significativo reconhecimento das especificidades das crianças e dos jovens, marca-se uma importante ruptura com o caráter judiciário e controlador descrito até agora, e dá início a um paradigma voltado à concepção da criança e do jovem como cidadãos de direitos e deveres (PINI, 2005).

Considerando esse novo contexto, voltado para garantia do desenvolvimento dos potenciais infantis, em 1990, há a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que declara:

Art. 4º É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. Parágrafo único. A garantia de prioridade compreende: a) primazia de receber proteção e socorro em quaisquer circunstâncias; b) precedência de atendimento nos serviços públicos ou de relevância pública; c) preferência na formulação e na

⁴ A compreensão de jovens nesse estudo, vai ao encontro da Política Nacional de Juventude (BRASIL, 2006): jovens-adolescentes, que correspondem à faixa etária de 15 à 17 anos e jovens-jovens que fazem alusão dos 18 aos 24 anos. Optou-se por excluir o grupo de jovens-adultos de 25 a 29 anos.

execução das políticas sociais públicas; d) destinação privilegiada de recursos públicos nas áreas relacionadas com a proteção à infância e à juventude (ECA, 2006, p.11).

Sob influências da Proteção Integral, fez-se indispensável a adoção de estratégias de cunho reeducativo e ressocializador, de forma a garantir a proteção ao jovem “desviante” das normas penais (MATIAS, 2012). Assim, para as crianças (menores de 12 anos), foram criadas as medidas protetivas, partindo da análise de que estas não possuiriam amadurecimento para compreender o caráter ilícito do ato, enquanto aos adolescentes (12 a 18 anos), por sua vez, cabia o cumprimento das chamadas medidas socioeducativas (TJDFT, 2018).

As medidas socioeducativas são divididas em: Advertência, Obrigação à reparação de danos, Prestação de Serviços à Comunidade (PSC), Liberdade Assistida (LA), Semiliberdade e Internação, sendo que estas são direcionadas ao jovem conforme a gravidade da infração, a qual está sujeita à análise e decisão do juiz da Infância e da Juventude. Já os órgãos responsáveis pela aplicação são, respectivamente: Juiz da Infância e da Juventude ou servidor com delegação para tal; Secretaria de Estado de Políticas para Crianças, Adolescentes e Juventude do Distrito Federal, por meio da Subsecretaria do Sistema Socioeducativo (TJDFT, 2018).

1.2. Criminalidade juvenil e o corpo do jovem negro

De acordo com dados do SINASE (2016), referentes à auto identificação de raça e gênero de jovens em restrição de liberdade, eles correspondem, respectivamente, a: 59,08% negros e 96% do gênero masculino. Já a porcentagem de jovens que se autodeclararam brancos corresponde a 22,49%, 0,91% de cor amarela, 0,98% da raça indígena e 16,54% dos adolescentes e jovens não tiveram registro quanto à sua cor ou raça (SINASE, 2016). Desta maneira, a cada 10 jovens em cumprimento de restrição de liberdade 5,9 são negros e 9,6 são homens, o que indica uma nova configuração da diáde pobre-marginalizado em que o jovem ao qual estamos nos referindo é, majoritariamente, homem e negro.

Ambrosio (2020) ao discutir as relações entre o corpo negro e identidade, pontua como o processo de formação da sociedade brasileira é cercado de ideologias e ações governamentais voltadas à discriminação racial, demarcando assim uma violação a experiência de vida dos corpos negros. Com o legado colonial de extermínio “restou aos povos negros possuírem apenas seus próprios corpos, ainda que possuído por outros corpos” (AMBROSIO, 2020, p 78.). Complementarmente, Benedito (2005) aponta que como consequência do intenso fluxo migratório e o pensamento eugenista e higienista legitimado

por cientistas da época ao imaginário social, as características físicas passam a determinar desvios de conduta, compondo assim, uma identidade criminosa, associada às características fenotípicas da população negra.

A exemplo, cita-se um cientista que teve muito peso na lógica criminal: Cesare Lombroso. O autor denota que seria possível identificar aspectos natos que caracterizam o perfil delinquente, dentro de um espectro de características biológicas estruturais próprias da raça negra, e explicitamente o autor menciona a raça na tentativa de exemplificar as descrições de sua teoria:

em geral o delinquente nato tem orelhas de abano, cabelos abundantes, barba escassa, os seios frontais e as mandíbulas enormes, queixo quadrado e proeminente, zigomas aumentados, a gesticulação frequente, em suma, um tipo parecido com o Mongol, às vezes com um negro (LOMBROSO, 1983, p. 168).

Compreende-se até então que o racismo delimita as experiências dos jovens, tornando esse corpo racializado e estigmatizado um “alvo” para a criminalidade. Todo esse cenário contribui de forma significativa nas oportunidades educacionais, financeiras e sociais que a população negra recebe ao longo da vida (SMOLEN, ARAÚJO, 2017). Smolen e Araújo (2017) apontam que as experiências estigmatizantes e discriminatórias direcionadas aos corpos negros e a estratificação social, que perdura na estrutura da sociedade brasileira, tendem a intensificar sua exposição ao estresse psicológico, atribuindo aos corpos negros chances 50% maiores de vivenciarem discriminações, e portanto, terem sua saúde mental comprometida de forma nociva.

Streva (2019) aponta como o racismo vai produzindo processos de subjetivação dos corpos negros pautados na dimensão racial que, gradualmente, naturaliza-se nos tecidos sociais e se reatualiza em novos arranjos. A essa dinâmica contínua de atravessamento da hegemonia branca nas relações, Kilomba (2019) caracteriza de colonilidade, em que os corpos negros tornam-se a representação mental daquilo que o branco não deseja ser e parecer (KILOMBA, 2019). Fanon (2008) e Kilomba (2019) apontam como sofrimento psíquico de pessoas negras está intrinsecamente relacionado à vivência colonial que insiste em perdurar na contemporaneidade.

1.3. Levantamento bibliográfico e justificativa

A compreensão da singularidade do perfil desses jovens pobres-marginalizados/negros se faz indispensável para o restabelecimento do caráter socioeducativo, visto que dados apontam que a medida de restrição tem assumido cunho estritamente punitivo. De acordo com o SINASE: “53 adolescentes morreram, em 2015, dentro das unidades de atendimento socioeducativo. Foram 18 mortes (43%) registradas como “conflito interpessoal” e 11 por “conflito generalizado”. Os números são superiores ao ano de 2014, quando morreram 48 jovens” (SINASE, 2016, p.22).

Alguns estudos têm se debruçado sob o caráter punitivo conferido às medidas socioeducativas. Scisleki et al. (2015) destacam a visão normatizadora e estigmatizante associados aos jovens em conflito com a lei, em que se consolida discursos e ações punitivas e corretivas que percorrem a construção histórica desde o Código de Menores. Os autores concluem que o ECA viabiliza a proteção conferida a ele somente aos adolescentes e crianças em medidas protetivas, enquanto os jovens sob medidas socioeducativas continuam à margem da exclusão social, sem acesso aos direitos que lhe cabem.

Jimenez e Frasseto (2015) complementarmente denotam, por meio da construção de uma linha histórica, que desde o Código de Mello Matos até a formulação do ECA, tem-se uma perspectiva punitiva e de relação de poder sob os adolescentes que fogem às normas sociais. Com embasamento na teoria da disciplinarização dos corpos de Foucault, afirmam que a incidência das medidas socioeducativas se dá sob um determinado grupo, como descrito por elas, são geralmente adolescentes do “sexo masculino, pobres, de baixa escolaridade, vivendo nas regiões metropolitanas dos grandes centros urbanos” (JIMENEZ, FRASSETO, 2015, p. 412).

Apesar das medidas socioeducativas terem sofrido mudanças de perspectivas extremamente importantes no decorrer do tempo, os estudos apresentados apontam seus moldes ideológicos iniciais, em que o jovem pobre-marginalizado/negro é tido de forma estigmatizante como infrator, sendo “necessário” sua submissão a uma punição. Por isso, torna-se fundamental retomarmos a discussão a respeito das influências higienistas e conservadoras sob essas medidas, atentando-se às consequências psíquicas intrínsecas ou agregadas no processo punitivo. Além disso, é preciso destacar uma importante lacuna deixada nos estudos apresentados: a questão étnico-racial e sua relação com o sofrimento psíquico dos jovens.

Em revisão da literatura realizada no período de agosto de 2019 à março de 2020, na base de dados *Scielo*, foram encontrados 134 artigos com os termos “adolescente em conflito com a lei” ou “medidas socioeducativas” e “ato infracional”. Dentre os artigos, apenas um apresentou, em suas discussões, uma reflexão pautada nas questões étnico raciais. Zappe e Ramos (2010) produzem uma pesquisa que busca caracterizar o perfil dos jovens em conflito com a lei em medida socioeducativa de internação no Rio Grande Sul. Dentre os resultados encontrados, está uma alta porcentagem de jovens autodeclarados negros/pretos: 16,2% , em relação à quantidade de pessoas jovens autodeclaradas negras/pretas no estado: 6,34%. A partir deste dado, as autoras discutem acerca da invisibilidade social, que atinge os jovens diferentemente em função da etnia a que pertencem, tornando mais vulneráveis os adolescentes negros, demonstrando a permanência de uma cultura de discriminação.

Compreendendo a escassez de estudos que aprofundem sobre relações étnico-raciais nas medidas socioeducativas, essa pesquisa compreende o racismo como um processo socialmente construído, tendo como principal pilar o colonialismo branco e europeu. Tal fato torna indispensável o reconhecimento da profundidade das consequências dessa construção, que legitimaram um imaginário racista tanto nas instituições da sociedade civil quanto em suas leis e outras formulações jurídicas, gerando consequências danosas na construção da subjetividade e identidade dos jovens negros, que pelo senso comum estão fadados, necessariamente, à uma visão estigmatizante de pobres-marginalizados (FANON, 2008; MAIA, ZAMORA, 2018).

A presente pesquisa pretende contribuir nesse sentido, na medida em que se propõe a focalizar, a partir da voz dos próprios adolescentes em medida socioeducativa em meio aberto, elementos relacionados à negritude em sua trajetória de vida.

2. OBJETIVOS

2.1. Objetivo Geral

Compreender como as questões étnico raciais atravessam a história de vida e a vivência cotidiana de jovens negros em medidas socioeducativas em meio aberto.

2.2. Objetivos Específicos

a) Compreender a expectativa de jovens em medida socioeducativa sobre as intervenções judiciais e à própria medida socioeducativa.

c) Traçar possíveis relações entre a vivência cotidiana e a construção da subjetividade negra dos jovens sob medidas socioeducativas

3. METODOLOGIA

Os conceitos em torno da juventude estão em disputa e apresentam diferentes conceituações teóricas e compreensões epistêmicas. No contexto brasileiro é possível destacar uma representação social em torno da juventude como uma fase transitória, de preparação da vida adulta em que esses atores sociais são vistos como sujeitos receptores de informação, passivos ou ainda como ameaça à ordem social (FREITAS, 2015).

Cabe destacar também que, no que tange a juventude negra acrescenta-se o racismo como um delimitador de experiências no mundo em que a pessoa negra é construída histórica e culturalmente como sujeito e objeto sem poder e direito de voz (KILOMBA, 2019).

Dessa forma, a escolha da metodologia dessa pesquisa, passa por referencial teórico-metodológico e político que compreende a juventude a partir de seus direitos e cidadania, bem como protagonistas dessa história.

Nessa direção, a presente pesquisa contou com a abordagem qualitativa a partir do método História Oral para produção dos dados. Este método trata de narrativas de experiências de vida pessoais, a fim de apreender trajetórias significativas para a compreensão de eventos, períodos ou práticas culturais e históricas que são registradas e analisadas no intuito de explicitar interações entre percursos individuais e processos coletivos (MEIHY, 2015).

O método conta com perguntas amplas que possam detectar pistas acerca da vivência dos atores (MEIHY, 2002), no caso do presente estudo, os eventos focalizados na coleta das histórias foram as questões relacionadas aos aspectos étnicos raciais e masculinidade presentes na história de vida dos jovens sob aplicação de medidas socioeducativas.

3.1. Participantes

A pesquisa contou com quatro co-produtores jovens, autodeclarados meninos e negros, sendo três egressos do sistema de medida socioeducativas em meio aberto de uma cidade do interior do estado de São Paulo e um em cumprimento há seis meses.

Os critérios de inclusão para convite a participação e co-produção nessa pesquisa foram: a) ter entre 15 e 18 anos; b) se autoidentificar menino/homem; c) se autodeclarar

negro ou pardo; d) estar em cumprimento de medida socioeducativa em meio aberto há pelo menos dois meses ou ser egresso do mesmo sistema; e) aceitar participar e co-produzir o estudo e; f) quando menores de idade, ter autorização dos responsáveis, através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) ; g) quando maior de idade, consentir e assinar o TCLE.

3.2. Local da Pesquisa

O presente estudo foi realizado em parceria com o Programa de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto (PMSE) de uma cidade do interior do Estado de São Paulo. Este Programa acompanha jovens entre 12 a 18 anos de idade, de ambos os gêneros, a quem foram aplicadas as medidas em meio aberto de Prestação de Serviços à Comunidade e Liberdade Assistida.

3.3. Procedimentos

3.3.1. Aspectos Éticos

Os objetivos da pesquisa foram formalmente apresentados à equipe do Programa de Medidas Socioeducativas em meio aberto, juntamente com a solicitação de autorização para realização da pesquisa com o apoio desta instituição.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), expresso pelo CAAE 40730120.6.0000.5504/ Parecer: 4.614.360 (Anexo 1) e autorizado pela instituição que realiza o Programa de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto.

Os jovens maiores de idade e o responsável pelo menor de idade, assinaram o TCLE concordando com a participação na pesquisa (APÊNDICES A e B). Além disso, o jovem menor de idade registrou o seu consentimento através do TALE (APÊNDICE C).

3.3.2. Identificação e localização dos participantes

Após aprovação da pesquisa junto ao comitê de ética da UFSCar, foram feitos contatos junto ao PMSE para apresentação do trabalho. A equipe do serviço identificou possíveis jovens para participação e co-produção da pesquisa de acordo com os critérios de inclusão previstos no estudo.

Feita a identificação, sete jovens em cumprimento de medidas socioeducativas foram contatados pela equipe em conjunto com a pesquisadora responsável. Considerando a impossibilidade de uma criação prévia de conexão com o serviço e com os jovens devido ao contexto sanitário da pandemia de Covid-19 o convite foi feito de forma virtual e por meio de diferentes estratégias de aproximação.

Inicialmente, os orientadores responsáveis por cada jovem fizeram um *primeiro contato* em seus atendimentos individuais, uma introdução e contextualização da pesquisadora e da proposta de pesquisa. Nesse contato inicial um jovem não aceitou participar da pesquisa, três sinalizaram o desejo de pensar melhor sobre a proposta, um entrou em decumprimento da medida, um sofreu regressão da medida e foi encaminhado para a Fundação Casa e um jovem aceitou participar da pesquisa.

Em um *segundo contato*, de acordo com as devolutivas sobre os receios dos jovens em participar da pesquisa, foi produzido um convite imagético juntamente a uma chamada escrita para participação. Através do convite lhes foi explicado os objetivos do estudo, bem como os procedimentos para a produção dos dados.

O texto e a produção imagética podem ser apreciados a seguir:

Figura 2 - Convite Imagético

COMO É SER UM MENINO NEGRO CUMPRINDO MEDIDAS?

ESSA PERGUNTA É PARA VOCÊ! VOCÊ TOPA ME AJUDAR A CONSTRUIR ESSA RESPOSTA?
ESSA PERGUNTA ESTÁ VINCULADA A UMA PESQUISA DO DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL DA UFSCAR



ESSA PESQUISA É PARA ENTENDER A SUA REALIDADE , PARA QUE AS PESSOAS POSSAM VER VOCÊ DE OUTRA FORMA, E POSSAM ENTENDER QUAIS SÃO AS BATALHAS QUE VOCÊ ENFRENTA POR SER VOCÊ.

ASSIM COMO A MÚSICA APRESENTA PARA PESSOAS QUE NUNCA PASSARAM POR ISSO UMA NOVA REALIDADE E UMA CHANCE DE PENSAR SOBRE ELA, ESSA PESQUISA SERÁ PUBLICADA PARA QUE A SUA HISTÓRIA E DE OUTROS MENINOS SEJA VISTA DE OUTRA FORMA.

ESSA PESQUISA É EM NOME DE MUNDOS MELHORES!

Fonte: elaborado pela autora

Após a chamada, através do convite imagético, para a participação, os três jovens que haviam demonstrado no *primeiro contato* o interesse de pensar aceitaram participar/co-produzir a pesquisa, ainda nesse *segundo contato* um novo jovem foi convidado, totalizando, então quatro jovens.

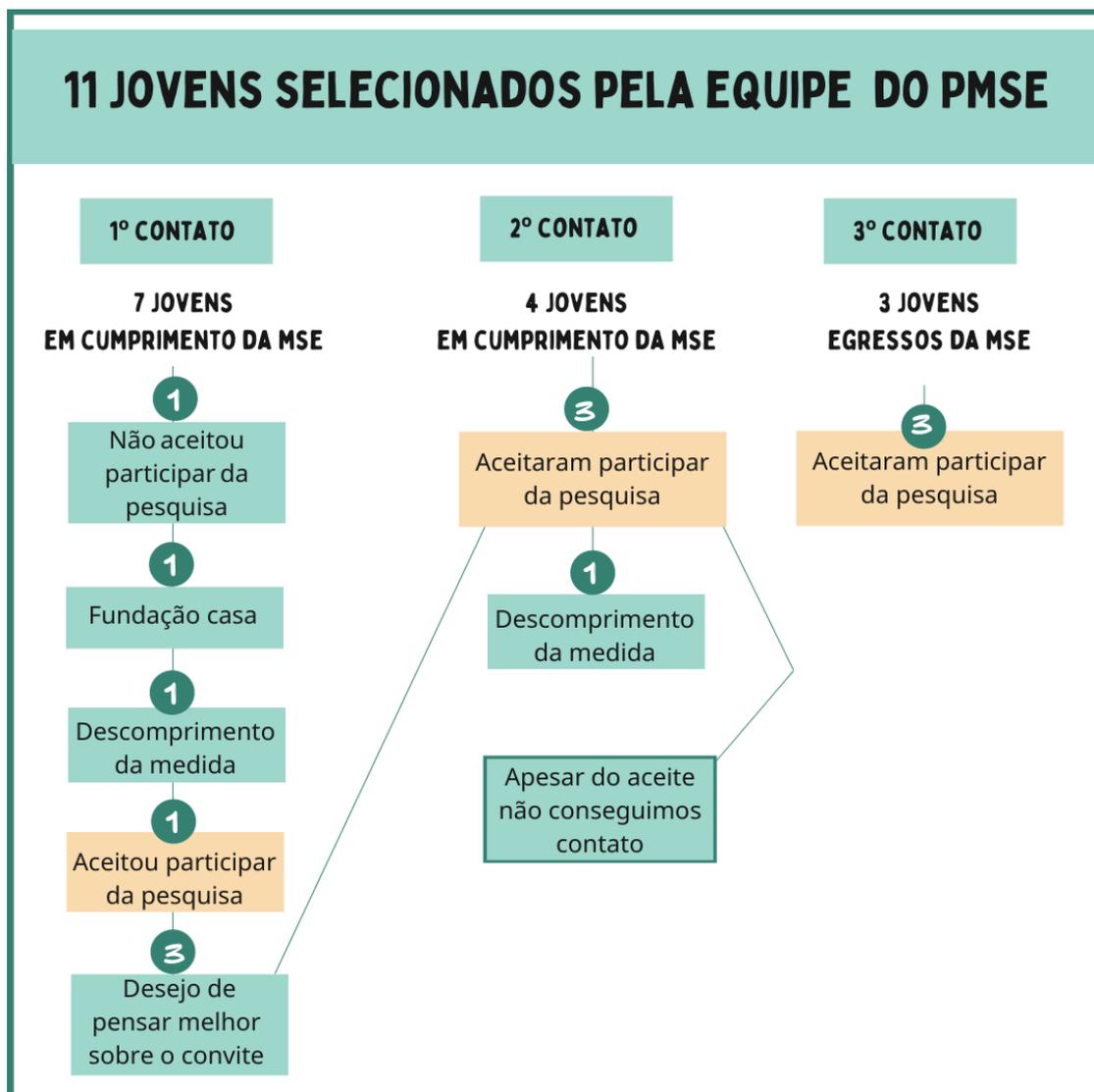
O quarto jovem convidado entrou em descumprimento da medida e os três jovens, apesar do aceite não compareceram no dia agendado para a entrevista e tampouco retornaram as tentativas de contato via telefone e redes sociais.

O *primeiro* e o *segundo contato* foram estabelecidos com jovens em cumprimento de MSE, conforme a previsão do critério de inclusão inicial, porém devido às dificuldades sinalizadas, a pesquisa foi ampliada para o diálogo com jovens egressos do sistema de

MSE. Assim, no *terceiro contato* o convite foi estabelecido e prontamente aceito pelos jovens egressos do sistema socioeducativo.

O quadro abaixo ilustra a relação da localização, seleção, contato e aceite com os jovens:

Figura 3 - contato e seleção dos jovens



Fonte: elaborado pela autora

Cabe destacar aqui que a parceria e apoio da equipe do PMSE foi fundamental para o contato com os meninos bem como para o planejamento e auxílio na criação de estratégias que pudessem ser atrativas para a participação dos mesmos.

3.3.3. Produção dos dados

A partir do explicitado quatro jovens participam e compõem essa pesquisa como co-produtores, um em cumprimento de MSE e três egressos.

A coleta das histórias orais de vida dos jovens foi realizada entre os dias 20 de maio de 2021 e 15 de julho de 2021 totalizando quatro encontros, um encontro com cada jovem. Devido ao contexto sanitário da pandemia covid-19 os encontros aconteceram por meio de videochamadas através de plataformas digitais⁵ que fosse mais acessível para cada jovem.

O horário e a data também foram escolhidos conforme preferência e possibilidades dos jovens. Para a realização dos encontros a equipe do PMSE esteve no apoio concedendo dispositivos eletrônicos e o espaço da instituição.

A duração dos encontros variou de 45 minutos (a mais curta) e 1 hora e 10 minutos (a mais longa). Para a conversa com os meninos foi utilizado um roteiro com cinco temáticas que pudessem auxiliar a pesquisadora a compreender algumas pistas a respeito do objetivo do estudo.

3.3.4. Construção do roteiro dos encontros

De modo a auxiliar no direcionamento da conversa para compreender os eventos referentes aos aspectos étnicos raciais e masculinidade presentes na história de vida dos meninos utilizou-se cinco temas disparadores: I. identificação da história de vida, II. trajetória até o cumprimento da medida, III. relações com a negritude, IV. relações com a masculinidade e, V. perspectivas para o futuro.

Além disso, os temas foram precedidos por um disparador de forma que este pudesse auxiliar na conexão com o participante considerando o encontro virtual bem como abrir um espaço de sensibilidade e criação de sentido com sua vida cotidiana. Considerando esses aspectos, o disparador escolhido foi o funk.

O funk, como um elemento cultural de manifestação artística negra, constitui-se do relato da realidade de pessoas periféricas, em sua maioria negras, e traz em sua composição realidades muito semelhantes à vivida pelos jovens dessa coprodutores dessa pesquisa.

O reconhecimento de si nas músicas possibilitou que os meninos pudessem criar vínculo e significado com a pesquisa, bem como com o momento do encontro e que pudessem criar um novo referencial de produzir pesquisa, em que os meninos como agentes

⁵ Plataforma virtual *Google meet* e rede social *Whatsapp*

produtores pudessem ter seus referenciais legitimados, sendo os MCs, nessa pesquisa reconhecidos como produtores de saberes.

Após a conversa sobre a primeira temática os jovens foram convidados a pensar em uma música que pudesse representar sua história de vida, nas temáticas seguintes foram apresentados funks que se relacionam com a temática abordada.

Cabe destacar que os funks foram previamente escolhidos pela pesquisadora a partir de sua bagagem de vida e repertório sociocultural e avaliados por pareceristas.

Dessa forma, os encontros contaram com a seguinte estruturação: a) breve retomada da proposta da pesquisa, leitura e autorização do TCLE e Termo de Assentimento, b) autorização para gravação, c) diálogo sobre a temática I e partilha do funk escolhido, c) apresentação do funk referente a temática II e diálogo, d) apresentação do funk referente a temática III e diálogo, e) apresentação do funk referente a temática IV e diálogo, f) apresentação do funk referente a temática V e diálogo, g) espaço aberto para partilha de impressões, sentimentos e possíveis dúvidas, e h) apresentação sensível da pesquisadora.

3.3.5. Tratamento dos dados

As entrevistas realizadas nos encontros passaram por tratamento que corresponde a três etapas. A primeira etapa consistiu na transcrição, realizada na íntegra, registrando todos os vícios de linguagem da forma oral, sem alterar as falas. Essa etapa tem sua importância pela sua natureza reiterativa em que se tem um segundo contato com as histórias a partir da transformação da narrativa oral em escrita (MEIHY, 2015).

Posteriormente, na segunda etapa, os registros passaram pela etapa de textualização. Ou seja, as falas orais foram transformadas em falas escritas. Nessa etapa, as perguntas feitas pela pesquisadora responsável foram retiradas e foram feitos rearranjos a partir de uma proposta cronológica e temática de forma que o processo de leitura e compreensão da narrativa tornou-se mais fluido (MEIHY, 2015).

E, finalmente, os textos foram transcritos, para isso foram importados elementos extra-textuais à narrativa dos jovens, captando na narrativa sensações que foram vistas ou percebidas pela pesquisadora. (CAIADO, 2003, MEIHY, 2015).

Após o término das três etapas a narrativa foi enviada aos quatro jovens participantes e co-produtores para validação e possíveis alterações. Depois da aprovação, de todos os jovens, o texto transcrito poderá ser publicado.

3.3.6. Análise dos Dados

Terminado o tratamento dos dados as pesquisadoras desta pesquisa debruçaram-se na leitura das narrativas, de forma a buscar nas histórias os núcleos de sentidos (temas) que as compõem e cuja frequência pode conferir algum significado para o objetivo analítico do estudo (BARDIN, 2009).

O método de história de vida preconiza que os fragmentos dos depoimentos não devem ser utilizados de forma isolada, a fim de que não sejam feitas interpretações indevidas. (CAIADO, 2003). Portanto, foram feitos pontos de intersecção das narrativas a fim de formar um alinhamento capaz de sugerir possíveis análises. (MEIHY, 2015).

Levando esses aspectos em consideração, após planejamento e estudo, o material foi explorado pelas pesquisadoras a fim de encontrar os núcleos de sentido que pudessem responder aos objetivos da pesquisa, a partir disso as pesquisadoras encontraram em comum três temáticas, as quais foram selecionadas para serem apresentadas e discutidas no presente estudo.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. Caracterização dos participantes

Os participantes dessa pesquisa foram quatro jovens que se autoidentificaram meninos e negros. Três egressos e um em cumprimento de medidas socioeducativas. O quadro a seguir destaca informações relevantes que auxiliam na construção do perfil dos meninos.

Cabe destacar que todos os nomes são fictícios e foram escolhidos pelos co-produtores durante a entrevista.

Quadro 1 - caracterização dos participantes

Nome	Idade	Escolaridade	Ofício	Ofício dos pais	Reincidência	Infração
Pardal	17	1º ano do Ensino Médio incompleto	Não possui trabalho remunerado	Mãe: faxineira	Uma medida (em cumprimento)	Roubo
Bryon	18	3º ano do Ensino Médio incompleto	Serviços gerais na prefeitura	Pai: Serviços gerais na prefeitura	Uma medida aos 13 anos e outra medida aos 17 anos	Roubo e não revelado

				Mãe: coletora de reciclagem em condomínios	(egresso)	
Criolo	18	1º ano do Ensino Médio incompleto (cursando)	Terceirizado em uma empresa	Mãe: afastada pelo INSS, anteriormente era faxineira Pai: Pintor (autônomo)	Uma medida aos 17 anos (egresso)	Tráfico
BL	18	Ensino Médio completo	Repositor em supermercado	Mãe: faxineira	Uma medida aos 17 anos (egresso)	Roubo

Fonte: elaborado pela autora

Conforme ilustra o quadro, os participantes dessa pesquisa possuem entre 17 e 18 anos. Dois não cumpriram o Ensino Médio (EM) e romperam o vínculo com a escola, um completou o EM e outro está cursando.

Três jovens exercem trabalho remunerado e auxiliam na composição da renda familiar junto com seus responsáveis. Três mães dos jovens possuem ou já possuíram vínculo com o trabalho doméstico.

Dois jovens egressos e um jovem em cumprimento de MSE não possuem reincidência de medida, apenas um dos jovens apresenta reincidência de medida. Cabe destacar ainda que três dos jovens relatam terem sido presos por roubo.

4.2. Moleque mandrake versão chapa quente: apresentação das histórias

“a margem é um local que nutre nossa capacidade de resistir a opressão, de transformar e de imaginar mundos alternativos e novos discursos”
(KILOMBA, p.68, 2019)

Diante de uma história intencionalmente silenciada e apagada em muitos âmbitos, as pessoas negras seguem resistindo de diversas formas para remontar o que está dito hegemonicamente sob uma ótica racista e marginalizada.

Os discursos marginais vêm se difundindo de forma a resistir à opressão colonial e apontando para novas faces de uma mesma história. Compreendendo assim a importância da

voz do meninos negros nessa pesquisa, em que cria-se espaço para a recriação da história, serão compartilhadas as quatro narrativas que trazem consigo um valor histórico e uma mudança epistêmica extramente significativa.

Pardal

E aí, suave!? Eu sou o Pardal, é isso memo, Pardal que nem o pássaro, eu gosto memo de mato e de pássaros sabe!?

E por quê Pardal? Porque que nem esses pássaro aí, eu sou só mais um fio no meio de tantos, mais um na multidão.

Figura 4 - Pardal



Bom eu vim do nordeste, nasci lá e morei lá com a minha avó até os 12 ano, aí depois de 12 ano eu fui mora no interior de um estado bem longe daqui.

Na minha vó morava eu, ela mais meu vô, eu gosto muito da casa dela, porque tem bastante mato pra pode passear e esfria a cabeça, é na onde eu consigo fica tranquilo. Mas aí eu fui mora pra no interior, num bairro da periferia memo com a minha mãe, meu irmão mais velho, minha irmãzinha e meu pai.

Na nossa família eu sou o filho do meio, minha irmã tem quatro, meu irmão 19 e eu 17. Aí né, minha irmãzinha dormia com minha mãe e meu pai no quarto e eu dormia com o meu irmão na sala.

Fonte: Ilustrado por Ervelley Moreira Cardoso dos Santos

Memo sendo pequena eu gosto da casa que eu moro, me dô bem com a minha mãe e com meu irmão, e a minha irmãzinha? É a alegria da casa né!? Uma criança é toda a alegria da casa.

Quem sustentava por lá de início era minha mãe e meu pai, aí depois meu irmão começou a trabalhar. Minha mãe trabalha de faxineira lá numa instituição lá e o meu pai trabalha numa firma, mas eu não lembro muito direito do que que é a firma, só sei que meu irmão trabalha com ele lá.

Agora se vocês quiserem sabe da minha escola eu dei uma breçada faz tempo hein!? Eu parei em 2018, tava com 14 ano, eu fui desanimando da escola né, e acabei parando, eu até que gostava das matéria, menos inglês que eu sempre achei muito difícil. Mas eu nem sei dize o porquê que eu parei memo. E eu sinto falta da escola, faz atividade eu sempre fui um aluno.. sei lá né, eu sempre gostava de ir para estuda e presta atenção. E eu até queria volta, esse ano eu ia voltar, eu tava até matriculado, mas só que começou a pandemia e aí breçou tudo de novo.

Aí como eu tava contando, lá em casa, era minha mãe e meu pai que trabalhava né, e meu irmão também depois, aí eu passei por crise né, falta de dinheiro memo, aí eu não querendo depende nem da minha mãe, nem do meu pai eu fui roba. Aí roubei e quando eu cheguei em casa os cara chegou, as polícia, foi pegou eu né, levou lá pra delegacia..

Na delegacia, como eu sou de menor, não teve como resolve o BO, aí da delegacia me levaram lá pro NAI, na onde que foi feita a primeira audiência, aí depois dessa audiência eles me levaram lá pra uma cidade do lado da onde eu moro agora lá na provisória, fiquei esperando a outra audiência por quase uns trinta dias. Aí depois dessa audiência foi a hora que eu fui.. que me internou, aí depois de umas duas semanas fui pra Fundação da minha cidade que eu moro agora né, aí fiquei oito meses na fundação.

Bastante tempo né? Foi mô sofrido, fiquei minha caminhada inteira quase sem visita, por causa da pandemia né, breco e aí não podia ter visita. Não foi nada fácil nem pra mim que tava lá dentro, nem pra minha família que tava aqui fora, eles sofrero bastante, se sentiram muito mal memo..e aí com esse pequeno desacerto que deu né, que eu fiz besteira e me dei mal, eu fui internado e recebi um papel pra faze essas medida aí. Aí tô cumprindo tem bastante tempo, tem uns 6 meses.

E assim né, eu sou um menino negro e já faz um tempinho que eu sei disso, porque assim, é a nossa cor, eu tenho a cor né..moreno, mas né, eu não me lembro de ter sofrido muito com isso na infância não, na verdade eu só me lembro de uma situação que me senti meio tirado sabe? Que foi quando minhas prima trouxe umas amiga dela né, aí as amiga dela falou “se é seu primo por que cês é branca e ele é negro?”, sei lá, eu me senti um pouquinho tirado.

Mas assim, desde que eu cresci eu passo por algumas fita assim, tipo os policia esculacha nós né, o jeito que os cara fala. Assim, lá na audiência pode ser que se fosse um menino branco no meu lugar ele fosse julgado de outro jeito, mas pode ser que não sabe? Mas eu acho que poderia ter diferença no fato de ele ser branco e eu ser negro né. Aí minha família é negra, por parte da minha mãe todo mundo gosta de ser negro, mas por parte do meu pai, rsrs, eu vou deixar em vão..

E tamem acho que tem otra diferença sabe? Eu não gosto desse assunto, que ele me deixa meio nervoso, mas se eu tivesse sido criado que nem uma muié acho que meu pai e minha mãe ia me dá mais atenção, ia tá ali sabe? Lado a lado, sempre dano conselho. Porque né, a mãe tá sempre no pé quando é menina ou mulhé, mas quando é homem não né? E não é só a criação que é diferente sabe, eu acho que é diferente na audiência tamem quando você é um menino ou uma menina. Porque nós home sempre os cara fica mais em cima né? Nas mulhé os cara pode ainda até dá um boi, uma chance né? Nois home sem chance.

Quando eu penso no meu futuro eu penso em trabalha num lava rápido né, que eu já trabalho com meu tio ne um, aí eu quero trabalha no meu memo, depois construir minha casa, ter meu carro e minha moto. Tamem construir minha família e é isso meus desejo. Pode pá que desejo eu tenho muitos, mas sonho memo, acho que não tenho nenhum.

Bryon

Nascido e criado no interior de uma cidade mô grande, diretamente de um bairro da comunidade, aqui quem fala é o Bryon.

Figura 5 - Bryon



Sempre morei na comunidade aqui, faz 18 ano né..o bairro é daquele jeito né, bastante movimentado, bastante pessoas sabe, bastante pessoas boa, mas tem bastante viciado também, tem bastante mal influencia sabe? Essas coisa...

Lá eu moro com a minha mãe e meus irmão, eu tenho sete irmão comigo, eu sou o terceiro mais velho. É muita gente né, aí quando eu era criança dormia eu e meus irmão que é homem sabe, nois é em cinco homem e duas mulher. Aí dormia eu e meus irmão que era mais veio no quarto e minha mãe, meu pai e minhas irmãs no outro sabe? Que lá a casa não era muito grande... é que agora eu nem moro mais na mema casa sabe? Agora eu tô em outra e tamém meus dois irmão mais velho já casou, minha irmã mora sozinha, agora só mora eu, meus dois irmão e uma irmã minha. Bem melhor o espaço né...

Fonte: Ilustrado por Ervelley Moreira Cardoso dos Santos

Aí lá em casa quem sustenta as conta sou eu e minha mãe né, eu trabalho com meu pai, meu pai faz serviços gerais, sabe?

Serviço pra prefeitura, corta as árvore, limpa os galho, essas coisa.. aí minha mãe tira reciclagem dos condomínio.

E no geral nós se dá muito bem, eu me sinto bem de boa lá em casa, agora eu durmo sozinho tamém, eu já até acostumei já né, não consigo ficar nem sem eles mais né e eles não ficam sem mim..

Aí minha mãe, um tempo atrás, o ano passado né, tinha mudado de cidade, aí era pra mim estudar lá na outra cidade sabe? Aí entrou esse negócio de pandemia aí eu acabei ficando sem os estudo ainda, mas eu parei no terceiro... aí eu parei e não consegui acabar, mas assim, eu tenho vontade de voltar sabe? Mas agora fica mais difícil, essa pandemia ainda né? Que se tivesse funcionando a escola eu trabalhava de dia enquanto a noite eu ia pra escola sabe? Mais agora nem a escola não tá funcionando e esse jeito de computador fica tudo mais complicado né.

E quando eu estudava na escola eu gostava sabe, no começo, no começo memo eu nem prestava atenção né, depois eu fui prestando atenção, já fui...pensando mais sabe? Os professores tudo gente boa, diretor... Sempre me conheceram né? Meu pai fazia bastante serviço lá na escola, aí tinha vez que ia até com ele..sábado, domingo, eu gostava, era de boas.

Aí nesse aí né, como que eu cheguei pra cumpri as medida... É que eu fui e comprei uma bicicleta furtada, sabe? Eu queria comprar minha bicicleta, eu tava guardando dinheiro, eu tinha o que? Uns 13 ano.. aí o que aconteceu, aí apareceu uma bicicleta lá.. os cara vendendo aí eu fui né.. eu conhecia mais ou menos o cara que vendeu, eu pensei que não ia fazer aquilo comigo né.. aí ele vendeu essa bicicleta pra mim. Aí o que que aconteceu, no memo dia a polícia foi e me pegou.. aí me pegou, aí eu fui pra delegacia aí deu maio aquele rolo.. meu pai foi me buscar, me bateu ainda (risos), é naquelas né.. Aí eu passei a ficar na LA, aí depois deu um rolo lá em casa também, que nós brigou com uns polícia, aí também aconteceu tudo aquilo..

Quando eu briguei com polícia eu peguei uma segunda medida aí eu fiquei um tempo sem ir nas medidas sabe? Eu já nem tava pensando em mais nada, nem queria sabe mais de nada, sabe? Aquela vida louca.. mas agora eu mudei totalmente.. aí que que aconteceu? Eu fiquei sem ir pras medidas aí eu fui pra fundação casa porque eu faltei. Eu fiquei um tempo no NAI e aí eu fui pra Fundação Casa, mas eu fiquei 2 semana só, mas vo fala pra você foi duas semana péssima, foi ruim hein..Aquelas mulecada lá... tem uns cara lá que enche o saco hein!? Ah.. eles vem quere.. tira a gente sabe? Tira a gente fora do limite pra pode briga com eles, ixi é mô... não dá nem pra explicar do jeito que é lá dentro sabe? Lá é sem lei.. Lá ninguém ouve ninguém, ninguém respeita ninguém, é tudo desrespeitado lá. Sem lei sabe? Tipo terra sem lei? Então é lá dentro..

Mas nessa resenha aí dos polícia o que aconteceu é que meu cunhado tinha comprado uma moto, sabe? E essa moto era roubada aí ele deixou na frente de casa e eu também tinha uma moto. Aí o que aconteceu..minha moto tava na frente de casa aí os polícia parou puxou minha moto consultou e não era roubada e eles falou “ah mas não quero que cê anda porque cê é de menor ainda, não é nem pro cê ter moto, mas como cê já tem pega sua moto e guarda”, aí eu falei “beleza né” e aí eu guardei a minha. Aí puxaram a do meu cunhado e era roubada cê entendeu? Aí o que que a polícia queria fazer, queria levar a moto e levar meu cunhado e na verdade a moto quem comprou não foi meu cunhado, foi minha irmã que tinha comprado ainda, cê entendeu? Aí a polícia queria levar meu cunhado porque ele era de maior e minha irmã era de menor, então ia sobrar tudo pra ele sabe? Pra ele fica preso.

Aí minha irmã começou a boqueja com o polícia, boqueja com o polícia...a polícia foi e começou a bate nela, começou a bate nela aí minha mãe entrou no meio, pra separar sabe? A minha mãe entrou no meio pra separar aí o policial foi e começou a bater nela também entendeu? Aí eu fiquei vendo aquela cena não tinha o que faze.. eu fui pra cima pra defender minha mãe, aí nessa daí os polícia começou a dar tiro, começou a bater mais ainda, aí chamou reforço, aí levaram minha mãe, meu cunhado.. aí eu fiquei pra trás, porque não conseguiram pegar eu porque eu corri sabe?

Mais depois eu memo se entreguei foi um monte de polícia lá em casa aí eu falei “ah vou ir lá porque eu não devo também, não tinha nem que ter corrido” aí eu fui lá e se entreguei.. aí falei pra ele “não, tô aqui” aí pum eles falou que fui eu que tinha batido mas nem fui eu não, nenhum de casa, foi a população, porque tinha um monte de gente lá né, um monte de viciado, todo mundo viu aquela cena sabe? Do nada juntou um monte de gente aí os viciado começou a taca pedra nos policia, bate neles, aí sobrou tudo pra mim ainda, pra mim e pro meu pessoal.

Aí é essa a resenha, eu passei injustamente, duas vezes pelas medidas, sabe? Mas assim, cumpri a LA lá no serviço das medidas..era de boa véi, porque lá todo mundo é um amor de pessoa, trata a gente bem, é tão gostoso.. é uma paz, eu só não venho vou memo mais lá porque tem vez que eu não posso, eu tenho vontade de ir visitar eles toda semana, é que não dá, o pessoal lá é muito bom pra gente sabe? Ajudou muito nós e ajuda muito até hoje. Aí eu já sabia né.. aí eu fiquei naquela, mas depois que eu voltei eu cumpri mais 6 meses. Aí depois eu cumpri daí arquivou tudo.

Pra mim, de verdade memo, as medida era tipo um curso, que eu vinha pintar a quadra, que eu vinha jogar futebol, que eu vinha na academia, falava pros meus amigo que aqui não é tão ruim assim do jeito que os outros pensa. Só de falar os outro fala “ah mais lá deve ser mó ruim” Não sei o que.. os outro fica pegando no pé, enchendo o saco eu falava pra eles “não não é dessa forma aí.. não é desse jeito que cê tá pensando” falava pra eles “lá é tudo diferente”

E passar pelo serviço das medida mudou totalmente o Bryon de 13 ano e o Bryon de agora tá ligado? Mudou totalmente.. mudou tudo, que eu fiquei mais com cabeça né, que eu fiquei pensando mais. E aqui eles passaram várias orientação pra mim, pra eu não ficar do jeito que eu tava antes, sabe? Aí já fui mudando tudo. Que antes eu ficava mais pra rua não queria saber de ajudar meu pessoal em casa, ficava andando com mal influência, agora já mudou totalmente já trabalho e penso em conquistar minhas coisas, cê entendeu? Já não é a mesma cabecinha de antes.

Eu não me recordo quando eu entendi que eu era negro também não me recordo de nenhuma lembrança da infância, e de verdade memo, eu acho que nunca aconteceu essas coisa assim comigo sabe? De ser tratado diferente e tal por ser negro. E quando eu lembro da audiência, do julgamento, eu acho que eu paguei o que eu fiz de errado, mas nunca pensei se teria sido diferente se fosse um muleque branco no meu lugar né.. na verdade memo eu não fiz nada de errado né, mas não posso afirma que seria diferente se eu tivesse outra cor, vai saber né?

E tem mais sabe, eu amo muito a minha cor, eu me sinto bem de verdade memo, porque meu pai é mais escuro do que eu, meu pai é negro memo e minha mãe é branca,

branca dos olhos verde ainda, minha mãe é mulher enjoada. Mas assim, eu acho que eu incomodo muita gente sabe, e sei lá, não sei o motivo disso entende? Só sei que tem gente que não gosta da gente, que fala até mal..

Mas pensano aqui também né, enquanto vou falano aqui... Se eu lembrar daquela bagunça lá com os policial, eu posso dizer que eles chega xingando nós que é preto sabe, chega batendo né, não é dessa forma que funciona entendeu? Chega xingando a gente de preto de tudo, de isso e aquilo, não vo fala aqui que é até feio fala isso... eles chega xingando, esculachando a gente, não é dessa forma. Tem uns policial que é chato mas tem uns que é mais ou menos sabe? Tem uns que até entende a gente, mas tem uns que não entende que chega xingando, que chega batendo, que chega xingando minha mãe ainda pra atingir eu. Eles sabe né? Que qual filho que vai gostar que xinga a mãe? Aí eles ficava xingando minha mãe aí é foda né, xingando meu pai. Eles pega no ponto fraco.. xingava minha mãe direto aí eu ia fazer o que né? Mas apanhei muito por causa disso.. dos policial.

Bom, mas passado é passado né, não me afeta mais não isso aí, agora eu sou de boa... E eu nem fico muito em casa porque saio sete hora da manhã de casa, volto só às cinco da tarde, aí já volto tomo banho, janto, deito, assisto um pouco, mexo no celular e durmo então eu só fico em casa mesmo no final de semana, aí não tem como ter BO.

Mas nessa coisa da polícia também, quando eu penso que se fosse uma mulher seria menos assim né.. menos agressivo né, porque tem polícia que chega batendo já nos homem né, aí tem polícia que chega já conversando com as mulher, aí já não chega tão batendo, tão agressivo que nem com os homem né. E no julgamento das medidas eu também acho que as mulher tem vantagem, sabe? Tem uma diferença aí, não sei dizer onde tá a diferença, mais sei que tem.

Porque a forma como a sociedade olha nós homem é diferente né, tipo, porque o homem ele tem que ir atrás das coisa dele... ir atrás do ganha pão, a mulher também, claro, mas é totalmente diferente né? Tem mulher que tem que fica com os filhos, tem que homem que tem que ir trabalhar e deixa as mulher com os filhos, é totalmente diferente uma mulher de um homem, você entendeu? Então nós acaba sendo tratado diferente também né, no serviço das medida também, nós fazia as coisas diferente, tudo era mais diferente, mas até que teve um tempo que as menina fazia tudo que nós fazia, jogava bola, ia pra academia e tal, aí era daora mesmo.

Mas pra terminar aqui essa conversa eu queria falar dos meus planos sabe, eu queria trabalhar em alguma coisa que eu gosto né, eu gosto de caminhão sabe? Então... eu queria ser motorista.. eu sei dirigir caminhão, mas meu pai deixa quando eu tô com ele, de vez em quando também não, porque tô vendo pra arrancar minha carta sabe? Aí dá problema se a policia pegar também... mas na hora que eu arrancar eu quero muda a letra pra mim poder trabalhar mais tranquilo. Queria conquistar minhas coisa né, aos poucos, ir lutando né.. comprar minha casa própria, comprar um carro, um caminhão pra mim mesmo sabe? Pra mim evoluir no futuro né?

Assim.. e eu desejo né, ter uma família também, mas mais pra frente né, porque agora tenho eu to novo ainda né? Tenho que conquista minhas coisas pra eu ajuda com o de melhor pra mulher que eu arruma, se eu arruma um filho, você entendeu? Querendo ou não a gente sofre né? Meu pai e minha mãe não daquelas condição alta. Pra mim pode ter

minhas coisas eu tenho que batalhar desde cedo não foi tudo facinho porque eu comecei a trabalhar desde os 14 aí eu já trabalhava comprava minhas coisas..minha mãe falou “ah já que você ter suas coisas cê tem que trabalhar né eu também não vou poder ficar te dando também né, porque cê tem bastante irmão, porque se eu for ficar te dano vai ficar como os outros?” então eu tinha que dá coisa só pro aniversário, uma coisa a cada.. só daqui um ano. uma bicicleta, um carrinho, alguma coisa daqui só.. quando eu fazia aniversário. Eu fazia aniversário no final de ano né aí já juntava tudo minha mãe levava a gente pra loja, comprava umas roupa, umas coisa entendeu? Aí eu tive que trabalhar de novo já pra mim ir conquistando minhas coisas não vou ficar só esperando minha mãe.

Mas é isso, eu gostei muito de conversar aqui porque é importante que as pessoa saibam que a realidade nossa não é o que eles pensam né..

Criolo

Criolo, é, admiro muito as músicas desse cantor, aí nós se inspira em que se nos agrada tá ligado? Então prazer aí, meu nome é Criolo.

Figura 6 - Criolo



Eu morava na capital, aí tem uns cinco anos eu vim pra cá, pro interior. É bem tranquilo o bairro aqui, eu gosto, não vejo nada de ruim. Lá na Capital era um pouco mais movimentado né? Não era parado igual aqui.. aqui é um pouco mais parado que lá e você fica meio parado no tempo parece...

Eu moro com a minha mãe, com meu pai e com uma sobrinha. Filha da minha irmã, ela deixou só a sobrinha e caiu fora, aí lá em casa todo mundo cuida da minha sobrinha né, tem que cuidar, é menina né? tem que ficar ligeiro.

Eu trabalho, mas não sustento lá a casa sabe, eu ajudo um pouco sabe, eu dou só o vale pra minha mãe, o vale alimentação, só isso mesmo que eu ajudo ela, o resto minha mãe nunca precisou de nada não.. Minha mãe é afastada, teve um câncer na perna e ela era faxineira ali do shopping.

Fonte: Ilustrado por Ervelley Moreira Cardoso dos Santos

E meu pai trabalha de pintor, pintor pra ele memo, e eu sou terceirizado lá numa empresa que fabrica eletrodomésticos, sabe? Lá eu faço um pouco de tudo.. E assim, gostar, gostar, gostar de verdade de trabalhar lá eu não gosto! Mas tem que trabalhar né?

Aí eu trabalho e também estudo pelo aplicativo, porque eu abandonei a escola no primeiro ano na verdade, aí eu decidi voltar quando eu já tinha 17. Com 17 eu comecei a estudar num escola pública aqui do interior, lá eu fiz o segundo, passei pro terceiro. Só que eu não gostava muito dos moleque que ia pra escola, achava eles meio panguão... aí eu

escolhi fazer o EJA e tô fazendo esse ano pelo celular né, é um aplicativo de tarefas. Não tô aprendendo nada na verdade... flar que eu tô aprendendo eu não tô.

Mas eu nem abandonei a escola porque eu não gostava de estudar, é que tipo assim, eu parei no primeiro né? Aí o engraçadinho da sala era eu vamo dizer assim... depois eu meio que parei um pouco, não queria mais saber de zuar com prof nem nada, aí com 17 eu voltei e não achava mais graça e é isso, mas eu parei a escola também porque eu tava fazendo coisa errada e não queria mais saber de estudar.

Aí eu... eu comecei LA eu já tinha mudado minha cabeça já, foi quando eu voltei pra escola, com 17. Foi na minha última passagem que eu peguei LA só, nas duas primeiras eu não peguei LA, nas duas primeiras passagens minhas. Aí é isso né, nas duas primeira foi tráfico memo sabe, mas a última situação que eu vou resenha aqui foi meio injusta sabe?

Nóis tava de carro, nós tinha pego o carro três horas da manhã, aí nós resolveu dar pra um moleque andar com nós, que ele também tava querendo andar, aí ele começou a dar fuga de polícia, e os polícia deu um tiro nele, Aí eu comecei a fazer LA, só que depois que eu vi isso daí eu meio que falei “nossa eu não quero isso daí pra minha vida” aí minha mãe teve o câncer também, aí já abalou minha mente também, aí eu resolvi parar, até foi bom pra mim..

Aí foi isso né, eu entendo que assim, as medida lá no serviço era uma terapia ocupacional, ocupar a cabeça e que antes de passar lá eu já tinha mudado um pouco minha cabeça, mas ainda tava fazendo umas coisas errada, aí eu fui, vim, conversei conversava com a dona, gostava de conversar bastante, fazia estampa de artes lá, fazia academia também, ah sei lá.. foi coisa minha também, com tudo que aconteceu, vi que não era coisa minha também. Não vou falar que a dona, a que orientava minha medida tá ligada não me ajudou, me ajudou bastante, mas foi mais da minha pessoa memo, querer a mudança..

Mas foi muito difícil sabe, ah.. minha mãe... nossa..acabei com a minha mãe eu acho.. de nervoso, dei muito trabalho pra ela. Depois a gente percebe, depois que a gente faz tudo que tinha que fazer, dei muito trabalho pra minha mãe.. Ah, meu pai nunca falava nada não..Meu pai é um pouco mais distante, tenho, mas já é um pouco mais distante.

O meu pai é um homem negro e minha branca e aí eu sou café com leite, mas, bem se dizer, eu nunca tive problema em se um menino negro.. a única coisa que eu não gosto, é que os outros fica olhando, aí eu já sou meio encanado, já xingo, .. aí né eu já não gosto de ir pra alguns lugares tipo shopping, mercado, essas coisas sabe..

E também com o juiz lá, eu ah.. eu acho que teve uma fita torta aí, porque no dia que eu peguei... na verdade no julgamento que eu vim pra LA, houve uma injustiça né dona, é porque eles deram tiro no muleque sabe e jogaram arma ne nós, graças a deus todo mundo saiu bem, ninguém foi atingido mas se tivesse feito aquele teste balístico lá né, ia saber de onde que a bala saiu, e o polícia deu tanta sorte que a bala varou, a bala passo ele, que quebrou o vidro de trás, aí ficou como se nós tivesse dado o tiro e quebrou o vidro de trás. Aí tipo ficou nisso.. aí nós pensa que se fosse outra pessoa, podia ter o feito o teste balístico, visto que foi os policial que deu o tiro e não tinha ... aí jogaram esse resolver ne nós e nós tá preso, aí acho que foi houve injustiça porque se fosse um branquinho com dinheiro, não teria acontecido nada disso.

E com polícia também, a mesma coisa, bate, bate memo, já to acostumado né, bater eles bateram mesmo.. eu já tava acostumado, agora não se vir me bater eu vou levar pra delegacia, mas na época, eu não.. não ligava muito não.. Eles me xingavam muito porque eu tava sem trabalho né dona, ficava só nas biqueiras, então praticamente, na hora que eles me enquadravam eu tava na biqueira, então não podia falar muita coisa, tinha que só escutar e ficar quieto mesmo e já era. Mas agora nem penso mais nisso, nem tomo mais quadro, nem tenho tempo, trabalho a noite, não tenho mais problema com polícia não, graças a deus.

Mas memo com todo esse rolo aí eu nunca quis ter uma cor diferente da que eu tenho tá ligada? Memo eu sabendo que eu incomodo um pouco né, mas é normal, muita gente não gosta de mim, sei lá o que que tem na cabeça de certas pessoas, tem segurança que até que é negro memo...se for pra comprar um refri assim no mercado, eu prefiro nem ir, mas se eu precisar ir eu vou sim, sem problema...

E de toda forma eu não acho que tenho problema com isso não.. de ser negro, mas assim, tipo, ser um menino né, teve algumas diferença na minha vida né,, em casa, eu nunca precisei limpar nada né? Assim, minha mãe nunca cobrou de mim, de arrumar a casa.. mas as vezes eu me sinto meio na obrigação e acabo fazendo umas coisinhas pra ela assim, lavo uma louça, arrumo minha cama agora.. também fico sem fazer nada a tarde inteira.

Também eu acho que a mulher é um pouquinho mais frágil. É um pouquinho mais frágil por causas dos estágios da vida da mulher tals.. só isso mesmo, acho que a mulher é um pouquinho mais frágil, de sentimento. Ah.. mas é muito bom ter bastante mulher em casa.. é porque é bom, sei lá, pra ensina, elas me ensinam bastante coisa, minha irmã e minha mãe me ensina bastante coisa.

Tipo, tem esse é.. esse negócio de igualdade.. de desigualdade.. mas comigo mesmo, assim na minha vida eu nunca tive sabe, pra mim vê como funciona isso, como é... tipo assim ô, minha irmã mesmo arrumou um serviço de jovem aprendiz, coisa que eu vivi tentando arrumar e não consigo, então já um ponto pra elas, mas também não deixa de ter desigualdade.

Mas se for pensar nos polícia, no lugar que eu ficava antes, a polícia era bem agressiva com qualquer pessoa, mas tipo assim, no lugar onde eu moro agora é mais tranquilo nunca passei por isso de polícia, só onde eu tava fazendo coisa errada mesmo, tipo ali tem uns bairro, que é mais comunidade memo que a polícia é maior agressiva com qualquer pessoas mesmo, menina, mulher, não importa, não muda nada..chama até dos piores nomes, eu já vi já.

Pra terminar essa conversa nossa aqui vou te conta um sonho pessoal, eu quero dar uma casa própria pra minha mãe o mais rápido possível, nem se for financiado.. O meu sonho é ter minha própria impresa, meu carrinho e minha casa com menos de 26 anos. Ah.. tem que sonhar, tem sonhar grande né? Eu quero trabalhar com elétrica, eletricista. Eu tenho família no ramo, meu cunhado. Tô fazendo curso agora pra me profissionalizar. Porque ele paga o dia pra mim né, aí eu prefiro trabalhar registrado, aí ele falou pra mim fazer o curso residencial e industrial que aí ele me registrava pra eu ganhar um pouquinho

mais. Gosto do serviço já e tô aprendendo melhor ainda.. mas é isso mesmo sabe, acho que o futuro que me espera vai ser de muita paz, é.. paz.

BL

Eu sou o BL, tipo o cantor memo, o BL

Figura 7 - BL



Eu nasci no interior de uma cidade grande, num bairro tranquilo..antes era mais agitado né, eu saia mais, mas agora eu parei de sair um pouco porque eu namoro e pá... parei memo, eu fico mais no serviço também agora que comecei a trabalha.

Eu sou o mais novo da casa, moro com o meu irmão mais velho e minha mãe, mas quando eu era criança meu pai morava com nós, depois que eles se separou que nois mudou pra casa de baixo. Tamem tinha meu outro irmão, mais aí ele casou depois de grande e aí foi morar com a mulhé dele. Quando eu era criança eu e meus dois irmão dormia junto, era de boas. Porque nois nasceu assim... tipo, dormindo no mesmo quarto né, aí nois acostumou memo.

Eu, meu irmão mais minha mãe que sustenta a casa, eu trabalho no supermercado, como repositor

Fonte: Ilustrado por Ervelley Moreira Cardoso dos Santos

O meu irmão também trabalha no mercado, só que no hortifrutti, e minha mãe trabalha numa firma, ela fica limpando as coisas. E eu me sinto bem lá em casa e me do mó bem com meu irmão e minha mãe sabe?

Sobre a escola... eu cheguei até termina, gostava de algumas matéria, mas ainda bem que passou.. Bom, se for pra falar de como eu cheguei até aqui, normal falar.. o passado pra mim já ficou pra trás, já morreu tudo.

A gente tava voltando de um show, eu, três amigo meus, uma namorada minha e uma amiga dela. A gente tava voltando de um show, acho que era o que? Três da manhã, duas... aí chegou um amigo meu e tacou uma pedra numa placa. Aí tinha três estudantes lá da universidade, aí não sei o que aconteceu, os cara olhou e acharam que a gente tava mexendo com eles, só que nois tava zuando, tava brincando na rua.

Ai os moleque pegou e já encanou com nois, começou a xingar nois. Ai eu peguei, falei vô embora, porque nossa, no outro dia ainda tinha que acordar cedo pra ir pra escola e talz... Ai os moleque começou a sair brigando, os amigos meus e os estudante lá. Começou a sair trocando soco lá, ai do nada quando eu olho pra frente já vinha um policial colocando o revolver na minha cara. Ai não tava entendendo mais nada...

Deitei no chão e os carinha disse pra mim que ia fazer o boletim de ocorrência contra nois por causa das agressão. Ai nois foi pra delegacia, enquanto isso era só agressão né? Chegando lá eles falaram que nois roubou eles.

Nois não pegou nada! Nois só brigou só e já saiu andando. No que nois saiu andando os policial já chegou e enquadrrou nois já. Nois falou que foi só uma briga só, mas os moleques falou que nois roubou e que tava com o celular deles. Mas nois não tava com nada, nois tava com nosso celular e eles tavam com o celular deles falando que tava com nois...

Os policial revistou e viu que tava tudo com eles, mas chegou lá na delegacia o policial chegou e falou que nois tinha roubado e que nois ia preso. Já chegou botou no corró, no corró nois ficou até umas seis horas da manhã dentro do corró, ai foi pro Fórum. Do fórum já mandou nois pro NAI. Nois ficamos cinco dias no NAI ai fomos pra pra fundação em um outra cidade.

Vei, é de ficar muito puto memo, não acharam nada tá ligado? Nem revolver, nem celular dos estudantes, nada, mais a versão dos estudante e dos polícia, valia mais que a nossa..

Aí lá nessacidade eu fiquei 15 dias e vim aqui pra minha cidade, na fundação casa daqui tá ligada? E fiquei três mês e depois me encaminharam pra liberdade assistida. Eu fiquei três mês!!! E foi muito difícil, como nós vivia na rua ficou difícil sabe.. e tipo, eu via minha mãe todo dia, aí do nada eu via só de domingo só. Um monte de coisa me marcou lá na Fundação tá ligada? Não podia sair na rua e basicamente não podia fazer nada lá dentro.

Bom, beleza né.. foi isso, aí eu fiquei no máximo uns quatro mês na liberdade assistida e eu vou falar pra você.. o lugar onde eu cumpri as medida me ajudou bastante. Tipo assim, quando eu cheguei lá eu era tímido demais sabe, era difícil eu conversar com os outros, vish..eu não conversava com ninguém, ninguém mesmo! Eu era mais na minha mesma, fechadão sabe?

Me ajudou muito, eu fiz curso de informática lá, foi muito bom. Aí quando meus amigo perguntava o que que era as medida, o que que eu fazia lá eu falava que era um lugar que cê aprende coisas novas, que cê aprende coisas tipo, como no seu bairro mesmo, você joga bola, brinca com as crianças, vai aprendendo coisas novas.. Vish o esse lugar aí.. me mudou bastante....Mas é isso, essa foi a única medida que eu peguei.

Cê sabe que quando eu era criança eu olhava pras pessoas e eu via que as cor era diferente uma da outra sabe? Aí eu fui notando as diferenças e tal.. Uma que eu lembro, mas faz tempo isso, eu tinha uns 12 ano, foi quando, tipo assim... um moleque branco desenhou tipo um macaco na folha assim e pá, e eu tava focadão na aula. Aí outro moleque falou "nossa você desenhou um macaco!", ai ele respondeu "ah! É o BL." Ai eu fiquei mó

tristão! Ele era branco, eu pensei “oloco!” Foi aí que eu tipo comecei a notar um pouco as diferenças, comecei a saber um pouco da realidade também.

Nesse dia aí eu me senti rebaixado memo, a auto estima desceu tudo.. Mas o pior que não foi só esse dia, já aconteceu no mercado onde eu trabalho tamém. O moleque chegou lá e falou assim... Tipo, lá quando o líder tá de folga, fica só eu e mais um. Como eu tô a mais tempo que o outro, eu falo o que cada um tem que fazer de coisa. Aí eu peguei e mandei ele fazer alguma coisa lá, não lembro o que foi. Ele ficou bravo e falou “ah! O macaco do BL!”. Ai eu pensei: “oloco!”

Na hora, tá ligada, eu não falei nada, fiquei quieto no meu canto e comecei a trabalhar mó desanimado. Já tava pronto pra ir embora já também, faltava uma meia horinha pra ir embora. Aí eu comecei a desandar no serviço... tristão..

Mas agora como eu não saio muito de casa isso é mais raro acontecer, mas antes quando eu vivia na rua.. Uma vez eu tinha brigado com um filho da moça lá, por causa de pipa... Bobagem né? A moça olhou pra mim e falou assim “Vai, seu fitinha de rabiola!”. Aí eu olhei pra fitinha assim... e pensei “pô! A fitinha é preta!”. Isso daí foi bem antes do moleque me chamar de macaco, devia ter uns 9 ou 8 anos. Foi o primeiro... foi o primeiro racismo que aconteceu comigo. Um dos primeiros mesmo. Foi aí que eu fui começando a entender...

E tipo, hoje se eu penso naquela situação lá, dos polícia pegando nós e tal eu acho que seria bem diferente se fosse um menino branco tá ligada, acho que eu ser negro influenciou sim no meu julgamento, porque tipo.. se você for ver, tava eu, o meu parça e era dois preto e um branco. E os estudantes, era os três brancos. Nois olhou a cara dos policial que tava lá e todos os policiais eram brancos também. Só tinha eu e mais um de preto. Aí, não encontrou revolver, não encontrou celular, não teve prova, não teve nada, como nois vai ser preso assim a toa?

Não é fácil não, e não vou menti pra você eu já quis sim ter uma cor diferente da que eu tenho, mas hoje em dia eu gosto muito sabe?. Ainda mais com a minha namorada. Ela que tipo... fica falando esses negócio pra mim, aumentando minha autoestima mesmo.

Lá na minha família, por exemplo, eu fui o único filho preto, um nasceu branco e o outro nasceu pardo.. eu já nasci mais moreno. E eu só não me senti mal durante minha infância por conta do meu pai sabe? Que ele também é preto, então eu não me sentia pra baixo, mas por conta dele mesmo, senão eu ia me sentir pra baixo sim..

Mas é isso, por mais que nós seja diferente por fora, por dentro nós é tudo igual tá ligado? Nada muda.. por exemplo, mesmo você sendo mulhe e eu sendo um home, eu acho que não muda muita coisa, sabe? Eu digo isso pela minha namorada, porque tudo que minha mãe fala pra mim a mãe dela fala pra ela.

Assim.. mas eu acho que tem uma diferença grande, que é do jeito que a sociedade vê nós, tipo assim... vamo dizer... pra repositor, entrega um currículo, uma mulher e um homem, eu aposto cem vezes que vai contratar o homem e não a mulher. Aí a gente vai vê a diferença, porque o homem vai ter mais força e não vão contratar a mulher porque ela tem menos força. Mas às vezes o pensamento de uma mulher vale mais que dez vezes a força de um homem.

Tem uma outra coisa tamém, que tipo, quando eu fui preso, não podia nem olhar pro lado. O meu amigo que tava junto comigo, ele olhou pro lado e já tomou um tapa na

cara. Eu olhei pro lado, o policial já grudou na minha orelha, puxando minha orelha. Eu acho que se fosse mulher não seria assim. Eu acho que com uma mulher não teria essa violência.

Agora se for pensar lá no julgamento, se teria sido diferente, eu acho que depende, que a gente fica com um pontinho de interrogação né.

Sobre o futuro né.. Se eu for pensar num sonho, eu tipo assim.. quero sair do supermercado sabe, queria ir pro lado já de bombeiro. Tamem meu sonho sempre foi dar uma casa pra minha mãe, dar uma vida melhor pra ela..

Agora pra me despedir, se eu for falar de uma música que me representa sabe eu vou falar a do MC K, Pega a visão, nessa música ele começa dedicando para todas as pessoa que desacreditou dele, e quando eu cheguei na escola todos os professores sabiam que eu era da fundação e diziam que eu não seria ninguém. Eu quero me torna bombeiro pra eles vê que eles tavam errado memo, quando desacreditaram de mim.

É isso, tem que acreditar. Cês vão ver onde o muleque vai tá.

4.3. Apresentação e discussão das temáticas que emergem das narrativas

Após a leitura, análise e aprofundamento nas narrativas, as pesquisadoras dessa pesquisa encontram três temáticas para maior dedicação teórica sendo elas:

- 1) Pega a visão que o menor vai fala: Como é ser um menino negro?
- 2) Toda positividade remando contra a maré: PMSE e família como rede de suporte e apoio
- 3) Sempre com os pés no chão, progresso vai chegar: sonhos e o lugar de si

A primeira aborda a percepção de raça e gênero dos meninos e das vivências que interseccionam racismo/machismo. A segunda discute o Programa de medidas Socioeducativas como um espaço de experimentação e exercício de direitos, e a família como um rede afetiva e de apoio dos meninos. Já a terceira aponta para possíveis reflexões sobre representações e construções sociais, relacionadas ao colonialismo e ao patriarcado, que podem ser percebidas a partir dos sonhos relatados pelos meninos.

As temáticas serão exemplificadas com trechos das narrativas e articuladas teoricamente para a discussão dos resultados.

4.3.1. Pega a visão que o menor vai fala: Como é ser um menino negro?

Durante as entrevistas, os meninos foram relatando sua história de vida, narraram quem são, com quem moram e como chegaram até o cumprimento das MSE. Foi possível observar que ao longo das narrativas os jovens não mencionam espontaneamente os aspectos étnico-raciais que compõem essa caminhada. Florestan (1975), Nascimento (1978) e Fanon (2008) trazem uma importante reflexão para compreender o porquê da ausência dos aspectos étnico raciais nos discursos dos meninos.

De acordo com Nascimento (1978), além das políticas de embranquecimento do século XIX com incentivo da imigração, o ideal de enbranquecimento se difunde de forma sutil no tecido social em que o negro é negado à sua identidade, a sua autodefinição, a compreensão de si. O discurso da “democracia racial” e da justiça social entre branco e negro aparecem como formas de silenciar a discussão racial em que se difunde a ideia de igualdade social entre pessoas brancas e pessoas negras (NASCIMENTO, 1978).

O abafamento da discussão racial somada à estratégias de exclusão do negro no tecido social em diversos âmbitos - como mercado de trabalho, acesso a moradia e educação - vão reatualizando a ideia colonial em que o negro não é somente excluído, mas também tem sua existência negada (FLORESTAN, 1975; FANON, 2008).

A partir de uma existência negada o negro vai se constituindo no “não lugar”, em que ser negro traz consigo um caráter repulsivo, tal aspecto direciona esses corpos há uma única saída: tornar-se branco para que assim possam atingir a beleza, a inteligência e a riqueza, fatores esses associados exclusivamente à pessoa branca (FANON, 2008).

Quando indagados pela pesquisadora sobre como o ser negro impacta nesse caminho três dos meninos, inicialmente, compreendem que a negritude não impactou na sua trajetória, como exemplifica os trechos a seguir:

“Eu não me recordo de quando eu entendi que era negro, também não me recordo de nenhuma lembrança da infância, e de verdade memo, eu acho que nunca aconteceu essas coisa assim comigo sabe? De ser tratado diferente e tal por se negro.” (Bryon)

“Sou um menino negro, já faz um tempinho que eu sei disso, porque assim, é a nossa cor né..moreno, mas né, eu não me lembro de ter sofrido muito com isso na infância não [...]” (Pardal)

“O meu pai é um homem negro e minha branca e aí eu sou café com leite, mas bem se dizer eu nunca tive problema em ser um menino negro [...]”(Criolo)

Apesar de não identificarem de início, os três apresentam ao longo da conversa, marcas que carregam em seu corpo que se caracterizam pela negritude. A exemplo, Pardal e

Bryon identificam esse marcador ao relatarem a forma como são tratados em abordagens policiais:

“mas assim, desde que eu cresci eu passo por umas fita assim, tipo os policia esculacha nós né, o jeito que os cara fala” (Pardal)

“mas pensano aqui também né, enquanto vou falano aqui, se eu lembrar daquela bagunça lá com os policial eu posso dizer que eles chega xingando nós que é preto sabe, chega batendo né.” (Bryon)

A partir dos relatos pode-se perceber que o tratamento da polícia é percebido pelos meninos como uma “lembrança” da cor que possuem. Através da agressão verbal e física policial os relatos dos meninos apontam para o reconhecimento de si como diferente.

Fanon (2008) aponta que o negro é negro a partir dos gestos, atitudes e olhares do outro posto que o esquema epidérmico racial constrói esteriótipos que localizam o corpo negro em uma identidade única e vinculada a desumanidade. Tal reflexão se faz evidente ao reconhecimento de si a partir da atitude do outro relatada pelos meninos.

Apesar de uma consciência racial anterior ao encontro com as abordagens policiais, BL, destaca que se compreendeu negro desde a infância a partir do momento que se viu diferente de seus colegas:

“Cê sabe que quando eu era criança eu olhava pras pessoas e eu via que as cor era diferente uma da outra sabe? Aí eu fui notando as diferenças e tal.. Uma que eu lembro, mas faz tempo isso, eu tinha uns 12 ano, foi quando, tipo assim... um moleque branco desenhou tipo um macaco na folha assim e pá, e eu tava focadão na aula. Aí outro moleque falou “nossa você desenhou um macaco!”, aí ele respondeu “ah! É o BL.” Aí eu fiquei mó tristão! Ele era brancão, eu pensei “oloco!” Foi aí que eu tipo comecei a notar um pouco as diferenças, comecei a saber um pouco da realidade também.” (BL)

Desta forma, apesar de apresentar singularidades o ponto comum à história dos quatro meninos se encontra na vivência do ser e descobrir-se negro a partir da sobredeterminação do exterior, em que o negro está e existe sempre em relação ao outro (FANON, 2008).

Além da percepção de como se descobriram negros, o racismo aparece na partilha dos meninos como vivência cotidiana que delimita a experiência de mundo deles em quanto jovens negros.

“a única coisa que eu não gosto, é que os outros fica olhando, aí eu já sou meio encanado, já xingo, aí né eu já não gosto de ir para alguns lugares tipo shopping, mercado, essas coisas sabe” (Criolo)

Mas o pior que não foi só esse dia, já aconteceu no mercado onde eu trabalho também. O moleque chegou lá e falou assim... Tipo, lá quando o líder tá de folga, fica só eu e mais um. Como eu tô a mais tempo que o outro, eu falo o que cada um tem que fazer de coisa. Ai eu peguei e mandei ele fazer alguma coisa lá, não lembro o que foi. Ele ficou bravo e falou “ah! O macaco do BL!”. Ai eu pensei: “oloco!” (BL)

Ambrosio (2020) aponta um importante reflexão a respeito da vivência cotidiana dos jovens negros, reiterando que a “cor da pele, somada a localização geográfica da favela ou da periferia, legitima o extermínio desses jovens pela polícia” (AMBROSIO, 2020, p.78) e questiona que “se a vivência dos corpos negros está marcada para o extermínio, como é ser um corpo negro ainda nos dias atuais?” (AMBROSIO, 2020, p.78).

Através dos relatos dos meninos pode-se compreender que o racismo está nas relações cotidianas na restrição do acesso do corpo negro nos espaços, como shopping e supermercado, em que Criolo destaca seu desconforto em transitar nesses lugares devido à olhares que recebe. E também está estruturado nas relações humanas e afetivas como no local de trabalho, como apontado por BL.

Outro aspecto que pulsa nas narrativas para pensar a construção de si como um menino negro é a construção da masculinidade. Neste trabalho compreende-se que o ser menino está indissociado do ser negro, como posto por Fanon (2008) “de um homem exige-se uma conduta de homem; de mim, uma conduta de homem negro” (FANON, p.107, 2008).

A escravidão imprime no corpo masculino uma expectativa de superdotado, de forma que ao homem negro restam dois caminhos: a invisibilidade ou a redução à sua dimensão corpórea. A partir disso a lógica racista imprime uma característica marcante no corpo do homem negro: o tom de pele, assim sendo ele não pode ocupar o lugar de homem na sociedade, posto que esse está pautado em um ideário branco, logo, o homem negro é outro, e aqui se demarca a invisibilidade (FANON, 2008, FAUSTINO, 2014).

No âmbito da dimensão corpórea, Fanon (2008) ressalta como o homem negro é desumanizado e reduzido ao seu biológico, seus aspectos fenotípicos estruturais, como por exemplo, a força.

Apesar dos meninos afirmarem a não vivência do racismo, ser um menino negro no mundo, é ter confrontar o racismo diariamente, como apontado por BL

“E tipo, hoje se eu penso naquela situação lá, dos polícia pegando nós e tal eu acho que seria bem diferente se fosse um menino branco tá ligada, acho

que eu ser negro influenciou sim no meu julgamento, porque tipo.. se você for ver, tava eu e o meu parça e era dois preto e um branco. E os estudantes, era os três brancos. Nois olhou a cara dos policial que tava lá e todos os policiais eram brancos também. Só tinha eu e mais um de preto. Aí, não encontrou revolver; não encontrou celular; não teve prova, não teve nada, como nois vai ser preso assim a toa? [..] Não é fácil não, e não vou menti pra você eu já quis sim ter uma cor diferente da que eu tenho” (BL)

O Estado do século XIX atuava, por meio de projetos políticos ideológicos, na manutenção da elite brasileira de forma a garantir a manutenção de privilégios e superioridade da raça branca (ALMEIDA, 2021). Uma das manutenções se deu no âmbito penal em que os corpos negros, a partir de um discurso científico eugenista, são dados como perigo em potencial, alvo da segurança pública (GÓES, 2016).

Góes (2016) aponta que por meio da tradução da obra de Cesare Lombroso, Nina Rodrigues corrobora com a construção de um *apartheid criminológico marginal* em que o negro é tido como um criminoso nato, logo alvo de controle e construção de políticas estatais que pudessem atender as necessidades de manutenção da elite branca brasileira.

As ideias repercutidas por Nina partiam da correlação entre características fenotípicas das pessoas negras com comportamentos criminosos (GÓES, 2016). A associação feita entre o estado selvagem do homem negro e sua imoralidade pode ser explicitamente associado a uma concepção racista em que a produção da exclusão e silenciamento do outro, sendo este o outro o negro, garante força e segurança ao grupo predominante o grupo branco (ALMEIDA, 2021).

O trecho citado anteriormente de BL, e o trecho de Criolo, citado a seguir, ilustram em seus discursos o reconhecimento da negritude como marcador da criminalidade em que suas histórias poderiam não ter sido essas caso não fossem meninos negros:

“Aí [os policiais] jogaram esse revolver ne nós e nós tá preso, aí acho que foi, houve injustiça porque se fosse um branquinho com dinheiro, não teria acontecido nada disso” (Criolo)

Cabe ainda ressaltar que na fala de Criolo a classe socioeconômica aparece como um fator cumulativo de discriminação. Dessa forma, na percepção de Criolo, não somente ser branco, mas também ser rico caracteriza um lugar distinto a um jovem na sociedade, sendo este de maior privilégio frente uma mesma condição de conflito com a lei. Ambrosio (2020), numa pesquisa realizada com jovens num contexto periférico, demonstrou como o estigma da criminalidade recai sobre os jovens negros em quaisquer situações, mesmo que não haja qualquer culpa ou atividade criminosa, provocando privações ocupacionais em diversos

ambitos - educação, trabalho, lazer, etc -, e, às vezes, colocando a vida desses jovens negros em risco.

Afinal, quem é o jovem que pode brincar, sem preocupação, sem dor de cabeça e sem o medo de morrer? E quem é o jovem que morre? Se o corpo do jovem negro está marcado como o corpo suspeito de qualquer crime, mesmo que não haja nenhuma culpa, como é que esses corpos se movimentam e se deslocam socialmente? Como é que este esquema corporal que foi epidermicamente racializado exerce suas experiências de vida? [...] O estigma da criminalidade recaí sobre os jovens negros, e não apenas os jovens, mas sobre pessoas negras de maneira geral [...] Há privação de acesso, privação de mobilidade, privação de qualquer oportunidade de deslocar-se desse lugar sob o olhar do outro, sob o olhar do branco. (AMBROSIO, 2020, p. 88-89).

Bryon e Pardal, de forma distinta apontam incerteza sobre a diferença no julgamento caso tivessem outra cor, porém relatam que o gênero e a construção social da masculinidade os coloca em uma posição desfavorecida em relação ao julgamento:

“quando eu lembro da audiência, do julgamento, eu acho que eu paguei o que eu fiz de errado, mas nunca pensei se teria sido diferente se fosse um muleque branco no meu lugar né.. na verdade memo eu não fiz nada de errado né, mas não posso afirma que seria diferente se eu tivesse outra cor, vai saber né? [...] quando eu penso que se fosse uma muié seria menos assim né.. menos agressivo né [...] e no julgamento das medidas eu tamém acho que as muié tem vantagem, sabe? Tem uma diferencinha aí, não sei dizer onde tá a diferencinha, mais sei que tem. Porque a forma como a sociedade olha nós homem é diferente né [...] então nós acaba sendo tratado diferente também né” (Bryon)

“Assim, lá na audiência pode ser que se fosse um menino branco no meu lugar ele fosse julgado de outro jeito, mas pode ser que não sabe? Mas eu acho que poderia ter diferença no fato de ele ser branco e eu ser negro né [...] e tamem acho que tem otra diferença sabe? Eu não gosto desse assunto, que ele me deixa meio nervoso, mas se eu tivesse sido criado que nem uma muié acho que meu pai e minha mãe ia me dá mais atenção, ia tá ali sabe? Lado a lado, sempre dano conselho. Porque né, a mãe tá sempre no pé quando é menina ou mulhé, mas quando é homem não né? E não é só a criação que é diferente sabe, eu acho que é diferente na audiência tamem quando você é um menino ou uma menina. Porque nós home sempre os cara fica mais em cima né? Nas mulhé os cara pode ainda até dá um boi, uma chance né? Nois home sem chance.” (Pardal)

Fanon (2008) aponta que o homem negro pode, através de uma perspectiva racista ter um esteriótipo reduzido ao seu biológico, ou seja, ser considerado forte. No sentido de possuir mais resistência a impactos físicos bem como sentir menos os atravessamentos emocionais diante uma determinada situação.

Podemos observar assim pelo relato dos meninos que essa representação social em torno da masculinidade negra produz uma diferenciação na forma como são vistos e como são tratados, desde o julgamento e o tratamento policial até as relações afetivas e familiares.

Apesar das masculinidades, entendidas aqui como processos sociais, constituem-se sob um privilégio do homem em relação a mulher e principalmente a mulher negra, cabe destacar que no âmbito da criminalidade os homens negros são os que mais morrem. De acordo com os dados do Atlas da Violência 2021, publicado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA- (2021), 64 jovens são assassinados por dia no Brasil e a taxa de violência letal contra pessoas negras foi 162% maior que entre não negras.

Ainda de acordo com o relatório, os números podem ser justificados dentre diferentes motivos pela “reprodução de estereótipos raciais pelas instituições do sistema de justiça criminal, sobretudo as polícias, que operam estratégias de policiamento baseadas em critérios raciais e em preconceitos sociais, tornando a população negra o alvo preferencial de suas ações” (IPEA, 2021, p.50).

Esta temática aponta para uma importante reflexão a respeito das relações étnico raciais e da masculinidade negra como pilares de fundamentação e formação de uma representação social sobre os corpos jovens negros. Apesar de algumas vezes o racismo não ser identificado de forma imediata ele aparece em todas as narrativas como um marcador de diferenciação desses jovens de um padrão de normalidade e um determinante sobre suas experiências.

Além disso a masculinidade negra aparece para os meninos como uma representação de uma construção patriarcal e racista que irá determinar um tratamento mais agressivo aos corpos do homens negros. Assim, a masculinidade negra e o ser negro no mundo delimitam espaços para os meninos em que esses serão alvos do racismo cotidiano, da violência policial, do julgamento injusto, bem como de um tratamento mais agressivo.

4.3.2. Toda positividade remando contra a maré: PMSE e família como rede de suporte e apoio

4.2.2.1. O Programa de Medidas Socioeducativas

O PMSE em meio aberto deve executar uma ação pedagógica que se direciona para o reconhecimento da potência dos jovens, aumentando o repertório de espaços e atividades para

que possam se descobrir, auxiliando assim na identificação e construção da identidade, bem como na construção de uma perspectiva futura (SINASE, 2011).

BL em sua narrativa identifica o PMSE como um espaço que permitiu a descoberta de si e o desenvolvimento de habilidades como a comunicação:

“quando eu cheguei lá eu era tímido demais sabe, era difícil eu conversar com os outros, vish..eu não conversava com ninguém, ninguém mesmo! Eu era mais na minha mesmo, fechadão sabe? Me ajudou muito [...]” (BL)

Bryon também identifica o espaço da PSME e a equipe referente às ações de MSE em meio aberto como pontos de apoio e suporte, que auxiliam durante o cumprimento da medida e ainda auxiliam ao longo de sua caminhada após o egresso:

“cumpri a LA lá no serviço das medidas..era de boa véi, porque lá todo mundo é um amor de pessoa, trata a gente bem, é tão gostoso.. é uma paz, eu só não venho vou memo mais lá porque tem vez que eu não posso, eu tenho vontade de ir visitar eles toda semana, é que não dá, o pessoal lá é muito bom pra gente sabe? Ajudou muito nós e ajuda muito até hoje.”(Bryon)

A construção do projeto político pedagógico do processo socioeducativo conta com princípios orientadores que estabelecem fundamentos para a prática de forma que o jovem possa exercer sua cidadania de acordo com os direitos previstos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (MARQUES, 2012).

Destacamos aqui três dos princípios que se relacionam diretamente com os discursos dos meninos.

A começar o princípio de *estímulo e valorização das potencialidades e habilidades dos jovens*, essa diretriz conta com a atenção integral ao jovem de forma que ele possa ser visto para além do seu ato infracional de forma a identificar seus desejos, sonhos, habilidades e potencialidades (MARQUES, 2012). Esse princípio é bem ilustrado pela fala de Criolo e BL pelos trechos destacados a seguir:

“Aí foi isso né, eu entendo que assim, as medida lá no serviço era uma terapia ocupacional, ocupar a cabeça e que antes de passar lá eu já tinha mudado um pouco minha cabeça, mas ainda tava fazendo umas coisas errada, aí eu fui, vim, conversei.. conversava com a dona, gostava de conversar bastante, fazia estampa de artes lá, fazia academia também” (Criolo)

“eu fiz curso de informática lá, foi muito bom. Aí quando meus amigo perguntava o que que era as medida, o que eu falava que fazia lá é que era um lugar que cê aprende coisas novas, que cê aprende coisas tipo, como no

seu bairro mesmo, você joga bola, brinca com as crianças, vai aprendendo coisas novas.. Vish o esse lugar aí.. me mudou bastante” (BL)

A fala de BL também aponta para o segundo princípio destacado neste estudo, a participação *comunitária*. A proposta dessa diretriz é compreender o contexto ao qual o jovem é inserido e viabilizar uma “reflexão acerca de sua vivência nesses contextos, e se necessário ressignificar suas relações sociais, seus vínculos, sua ação no território” (MARQUES, 2012, p. 47).

BL compara o aprendizado vivenciado no PMSE ao de seu bairro e destaca atividades grupais como jogar bola e brincar com as crianças. Compreende que essa experiência pode agregar ao jovem uma reflexão sobre seu território e as relações que estabelece nele.

Por fim, Bryon aponta para o terceiro princípio a ser destacado, que se refere à orientação de que o foco do processo socioeducativo não deve se centrar no ato infracional, de forma que o jovem possa ser visto para além, compreendendo aspectos da sua trajetória e contexto de vida de forma a auxiliar também no planejamento de maneiras de transpor o ato infracional e suas implicações (MARQUES, 2012)

“passar pelo serviço das medida mudou totalmente o Bryon de 13 ano e o Bryon de agora tá ligado? Mudou totalmente.. mudou tudo, que eu fiquei mais com cabeça né, que eu fiquei pensando mais. E aqui eles passaram várias orientação pra mim, pra eu não ficar do jeito que eu tava antes, sabe? Aí já fui mudando tudo. Que antes eu ficava mais pra rua não queria saber de ajudar meu pessoal em casa, ficava andando com mal influência, agora já mudou totalmente já trabalho e penso em conquistar minhas coisas, cê entendeu? Já não é a mesma cabecinha de antes” (Bryon)

Em seu discurso, fica explícito a forma como a passagem pelo PMSE auxiliou na percepção de si no mundo a partir do encontro com o ato infracional e nas formas de modificar o cenário.

Estes resultados levam à reflexão sobre a aparente ausência de espaços sociais de pertença e circulação que viabilizem aos jovens participantes deste estudo, o acesso a relações respeitadas, à escuta, à participação social, à atividades esportivas, culturais, comunitárias, dentre outras, de modo que, tais vivências foram possíveis a partir de uma situação de conflito com a lei que desembocou em uma consequência punitiva e à medida socioeducativa.

Ou seja, a despeito de o PMSE ter sido reconhecido pelos jovens como um espaço de referência e de suporte às suas histórias, o que sinaliza para a potência desse serviço enquanto parceiro facilitador do acesso (ainda que tardio) aos direitos dessa população e enquanto

favorecedor da produção de novas formas de (re) existir e participar da sociedade (VIEIRA, 2012).

A vivência dos jovens no PSE vai na contramão da violência policial explicitada nos relatos de todos os quatro co-produtores desta pesquisa. Cabe ainda destacar que o não espaço e o não lugar desses jovens ao longo de sua trajetória revelam não só a ausência, mas a violência do estado e da sociedade que seguem invisibilizando e marginalizando a juventude negra e periférica brasileira.

Mais estudos que se impliquem e se comprometam com essa realidade, se disponibilizando a produzir conhecimento COM esta juventude, em diferentes contextos brasileiros, se debruçando sobre diferentes momentos da trajetória de vida dessas pessoas são fundamentais para revelar as possibilidades e dificuldades de acesso vivenciadas e produzir, junto, estratégias de resistência.

4.2.2.1. A família

O conceito de família é abrangente e mutável de acordo com a construção sócio-histórica cultural. Ao pensarmos pela via do ECA a família, juntamente ao Estado e a sociedade civil caracteriza-se como proteção integral ao adolescente e pela garantia de seus direitos (BRASIL, 1990).

Os relatos possibilitam uma nova apreensão sobre a família no contexto de jovens em conflito com a lei, que vão na contra da mão de estudos que têm sinalizado para a família dos jovens em conflito com a lei como instituição vulnerável devido à fragilidade econômica e impossibilitadas de “dar suporte afetivo ou cumprir o papel socializador de constituição de identidade social e de atuação no mundo” (BARBOSA, CRUZ, VIDAL, 2012, p.194).

“me dô bem com a minha mãe e com meu irmão, e a minha irmãzinha? É a alegria da casa né!? Uma criança é toda a alegria da casa” (Pardal)

“e no geral nós se dá muito bem, eu me sinto bem de boa lá em casa, agora eu durmo sozinho também, eu já até acostumei já né, não consigo ficar nem sem eles mais né e eles não ficam sem mim” (Bryon)

A partir da narrativa dos meninos pode-se perceber que a família aparece como suporte afetivo, sendo destacada como uma convivência prazerosa e que proporciona bem estar. Cabe destacar ainda que Florestan (1965) identifica a família, quando esta gera

proteção e acolhimento como um incentivo à integração do negro na sociedade, posto que para além das condições materiais, se relaciona a forma como a pessoa negra se sente segura e pertencente ao grupo familiar.

Para Fanon (2008), uma criança negra que cresce no seio de sua família negra, sem contato com o mundo branco, se mantém protegida da violência racial e da criação de uma imagem distorcida e negativa sobre si mesma. Ao passo que a criança negra é colocada em contato com a perversidade racista do mundo branco colonizado, torna-se “anormal”⁶ (FANON, 2008). No trecho abaixo, extraído da narrativa de BL, podemos observar como a presença de familiares negros no seio familiar contribuíram para uma autoidentificação positiva:

“eu me sinto bem lá em casa e me do mó bem com meu irmão e minha mãe sabe? [...] E eu só não me senti mal durante minha infância por conta do meu pai sabe? Que ele também é preto, então eu não me sentia pra baixo, mas por conta dele mesmo, senão eu ia me sentir pra baixo sim..” (BL)

Assim, para além da proteção, do acolhimento e das questões materiais, a família pode ser local de uma identificação positiva com as identidades negras, e que rompem com os estigmas sociais e negativos sobre a negritude.

4.3.3. Sempre com os pés no chão, progresso vai chegar: sonhos e o lugar de si

Quando provocados a pensar sobre os sonhos e desejos que possuem os meninos trazem em seu discurso planos que podem nos dar pistas sobre o lugar que ocupam na sociedade

“Assim.. e eu desejo né, ter uma família também, mas mais pra frente né, porque agora tenho eu to novo ainda né? Tenho que conquista minhas coisas pra eu ajuda com o de melhor pra mulher que eu arruma, se eu arruma um filho, cê entendeu?” (Bryon)

A fala de Bryon nos aponta para uma reflexão sobre a construção da identidade enquanto um menino negro, que compreende-se nessa pesquisa que é permeada pelos aspectos étnico raciais e de masculinidade negra.

O homem negro, como já destacado anteriormente, não ocupa o lugar de homem na sociedade pois este lugar estaria destinado somente aos brancos, o homem negro está no

⁶ É importante ressaltar que Fanon escreveu este estudo em meados do XX, quando os conceitos de “normalidade” e “anormalidade” ainda eram muito utilizados no contexto da psiquiatria. Nesse sentido, quando Fanon (2008) aponta que a criança negra torna-se anormal ao contato com o mundo branco, ele se refere a processos de adoecimento psíquico em pessoas negras em decorrência de constantes violências raciais.

“não lugar” a partir do momento que sua humanidade é negada (FANON, 2008). Túlio Custódio (2019) se apoia na afirmação de Fanon (2008) de forma a apontar que o homem negro em busca de reconhecimento e pertencimento social entra em um campo de disputa e rivalidade para assumir um status de privilégio na sociedade.

A medida que a sua cor o impede de ascensão social o homem negro busca se ancorar na afirmação de si para que possa ser reconhecido e passa a assumir performatividades que possam corresponder a uma representação social do ser homem (CUSTÓDIO, 2019).

Pautado em uma lógica patriarcal e imerso em um tecido social racista o homem negro busca seu lugar de superioridade por meio do controle. O controle pode ser percebido na performance da masculinidade negra a partir da busca estética por ser o homem honrado, em que essa honra estaria associada à assumir as responsabilidades, em que ele será o provedor e não deixará nada faltar (CUSTÓDIO, 2019).

Nessa perspectiva reflexiva ressalta-se que dois dos meninos apontam como sonhos pessoais dar a casa para a mãe evidenciando esses aspectos de provedor nas falas de Criolo e BL

“Eu quero dar uma casa própria pra minha mãe o mais rápido possível, nem se for financiado.” (Criolo).

“Tamem meu sonho sempre foi dar uma casa pra minha mãe, dar uma vida melhor pra ela [...]” (BL)

Outro aspecto relevante que nos convida a reflexão sobre o lugar em que os meninos se compreendem na sociedade diz a respeito de suas aspirações profissionais

“Quando eu penso no meu futuro eu penso em trabalhar num lava rápido né, que eu já trabalho com meu tio ne um, aí eu quero trabalhar no meu memo.” (Pardal)

“Então... eu queria ser motorista.. eu sei dirigir caminhão, mas meu pai deixa quando eu tô com ele, de vez em quando também não, porque tô vendo pra arrancar minha carta sabe? Aí dá problema se a policia pegar também... mas na hora que eu arrancar eu quero muda a letra pra mim poder trabalhar mais tranquilo” (Bryon)

Acredita-se que as passagens apontam para o alerta do racismo como base estruturante do sistema econômico, Almeida (2021) compreende que o racismo pode interferir de forma concreta e objetiva no campo econômico, a partir das causas cumulativas exemplificado pela seguinte situação:

se pessoas negras são discriminadas no acesso à educação, é provável que tenham dificuldade para conseguir um trabalho, além de terem menos contato com informações sobre cuidados com a saúde. Consequentemente, dispondo de menor poder aquisitivo e menos informações sobre os cuidados com a saúde, a população negra terá mais dificuldade não apenas em conseguir um trabalho, mas permanecer nele. Além disso, a pobreza, a pouca educação formal e falta de cuidados médicos ajuda a reforçar os estereótipos racistas, como a esdrúxula ideia de que negros tem pouco propensão para trabalhos intelectuais, completando-se assim um circuito que a discriminação gera ainda mais discriminação (ALMEIDA, 2021, p.157)

Essa exemplificação também é validada pelos dados do IBGE (2019). De acordo com Instituto, em 2019 as pessoas negras ocupavam 47,4% dos cargos de trabalho informal enquanto a população não negra 34,5%. O trabalho informal mapeado pelo IBGE inclui trabalhadores empregados no sistema privado e empregados domésticos, bem como trabalhadores autônomos sem registro de CNPJ. Ainda de acordo com os dados capturados pelo Instituto, entre as pessoas que ganham abaixo da linha da pobreza 70% se declararam negras (IBGE, 2019).

A discussão apresentada acima remonta a ideia de Florestan Fernandes (1975) de estratificação social da pessoa negra. A escravidão deixa seu legado na complexidade do tecido social que afeta a forma como as pessoas negras vivem, bem como os lugares sociais que elas vão ocupar.

Diante um cenário que reproduz e atualiza os mecanismos sociais que destinam a população negra à marginalidade, observa-se que os dois meninos construíram um lugar de si através de seus sonhos, o desejo de ser caminhoneiro e dono de um lava rápido reflete a ideia de sonhos que parecem possíveis e alcançáveis dentro uma lógica de discriminação racial em que não há projeção de ascensão para as pessoas negras.

Há marcas da colonialidade não só no discurso dos jovens, mas quando nos voltamos para a família, as mães e pais dos meninos também seguem amarrados a lógica colonial no trabalho, tendo como ofícios, por exemplo, empregadas domésticas. No Brasil, a história do serviço doméstico, assim como na de outros países de raízes escravocratas, se dispara na época da demarcação entre casa grande e senzala, em que escravos domésticos eram encarregados por tarefas do lar da família branca, enquanto os demais eram submetidos ao trabalho do campo, majoritariamente (MELO, 1998).

Estamos a falar de duas mães, mulheres negras que habitavam a casa grande com atribuição de manter a ordem doméstica e o cuidado com a família branca. Mulheres que assumiram papéis extremamente contestáveis na nossa historiografia, e que implica

diretamente em como se estabelece nossas relações de trabalho no momento atual (CARNEIRO, 2007).

Mas apesar de tantas marcas, ainda há espaço para se sonhar além, outros dois meninos, BL e Criolo, apresentam em suas aspirações pessoais desejos que extrapolam a construção estereotipada da pessoa negra

“Sobre o futuro né.. Se eu for pensar num sonho, eu tipo assim.. quero sair do supermercado sabe, queria ir pro lado já de bombeiro.(BL)”

“O meu sonho é ter minha própria impresa, meu carrinho e minha casa com menos de 26 anos. Ah.. tem que sonhar, tem sonhar grande né?” (Criolo)

As aspirações de BL e Criolo rompem com a lógica colonial que determina o lugar do jovem negro (preso, morto ou subalterno). A possibilidade de sonhar vai ao encontro da construção de uma nova perspectiva do jovem negro que supera as expectativas e estatísticas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa teve como objetivo geral compreender como as questões étnico raciais atravessam a história de vida e a vivência cotidiana de jovens em medidas socioeducativas. E compreender e explorar, especificamente, a expectativa de jovens sob aplicação de medida socioeducativa sobre as intervenções judiciais e à própria medida socioeducativa, bem como traçar possíveis relações entre a vivência cotidiana e a construção da subjetividade negra dos jovens sob medidas socioeducativas.

O caminho de vida percorrido pelos jovens até o encontro com as medidas socioeducativas aponta para um legado da escravidão em que os meninos negros são tidos como criminosos e alvo de intervenção judicial. Essa trajetória aponta ainda para uma outra pista da manutenção de uma sociedade racista, na medida que os meninos são negros, periféricos e, de maneira geral, evadem do ensino básico e auxiliam na complementação da renda da casa devido ao emprego informal e subalternizado dos pais.

Quanto à percepção dos meninos sobre o julgamento das medidas socioeducativas, dois dos meninos o consideraram injusto e atravessado por ideologias racistas e na mesma proporção dois meninos afirmaram não conseguir identificar o atravessamento dos aspectos raciais no momento do julgamento. É preciso compreendermos, entretanto, que essa contradição é consequência tanto da estrutura racista colonial, quanto dos projetos de embranquecimento da população e do mito da democracia racial, que invisibilizam e distorcem a violência racial estrutural.

O Programa de Medidas Socioeducativas, parceiro desta pesquisa, demonstrou potencialidade na condução das ações pedagógicas de ressocialização. Os meninos, de forma geral, compreendem as medidas sob uma ótica do aprendizado, da experimentação de si, do diálogo e da vivência comunitária, entendendo o Programa como um aliado e uma rede de apoio que possibilitou um espaço para existir e transformar-se.

No que diz respeito à construção de si, foi possível identificar, a partir das narrativas, um atravessamento direto da construção racista, patriarcal e colonizadora que permeia a sociedade. Os meninos apresentam, através de seus sonhos, pistas sobre o almejo um lugar melhor, de um reconhecimento social em um lugar de privilégio.

Essa pesquisa reitera a necessidade de construir espaços de protagonismo e garantia de direitos dos jovens, em especial dos jovens negros, geralmente tidos como objetos de pesquisa, que a partir de uma pesquisa que fomenta a participação social, encontram a

oportunidade de dizer por si e assim contruir a sua perspectiva da história. A história recontada sob a ótica de quem a vivencia aponta para uma sociedade racista e patriarcal e matém os lugares de poder e privilégio através de mecanismos complexos de controle: nesse estudo, o controle do corpo jovem e negro.

A pesquisa aponta ainda para a importância de mais estudos que possam investigar, em diferentes contextos brasileiros, os atravessamentos das relações étnico raciais na história de meninos negros em conflito com a lei considerando a densidade e a complexidade do tema.

Nesse sentido apontam-se algumas limitações da pesquisa. O estudo se trata de um contexto específico de um PMSE em meio aberto, localizado em uma cidade do interior do estado de São Paulo e, embora os resultados apontem pistas importantes para pensarmos a realidade do jovem negro em conflito com a lei, pesquisas em outros cenários são importantes para que se possa ampliar a compreensão da história dos jovens negros em conflito com a lei, de forma que se possa reconhecer pontos em comum, bem como a especificidade conforme cada contexto.

Além disso, destaca-se a dificuldade de participação dos jovens, especialmente nesse momento de pandemia, a qual se deu pela: a) dificuldade de contato com jovens, muitos não estavam mais frequentando o PMSE, com isso foram realizadas visitas domiciliares e mapeamento dos jovens no território pela equipe do PMSE, mas mesmo assim não houve possibilidade de contato com os jovens e, b) pelos diversos impasses que estavam compondo a história dos meninos como a perda de contato com família, logo impossibilidade de assinatura do TCLE.

Esse ponto mencionado aponta para a necessidade de que os espaços de produção de conhecimento, como a academia, crie estratégias para aproximar essa população, democratizando o acesso a um lugar ainda muito branco e elitizado. Em moldes que ainda reproduzem e valorizam a produção hegemônica e colonial.

Apesar de suas limitações apresentadas, as pesquisadoras compreendem que essa pesquisa cumpre com seus objetivos, a medida que rompe com um conhecimento e uma visão colonizada e estigmatizante sobre corpos negros, confronta o lugar sólido sobre o grupo que detém o poder de fala e estabelece espaços de existência pelo relato de si à jovens negros que conflitaram com a lei em algum momento dessa vida. Essa pesquisa coloca o negro, “o outro”, no lugar de pessoa, dono de sua existência, de sua fala e do conhecimento produzido sobre si e espera-se que outras pesquisas possam emergir nesse caminho.

“Agora pra me despedir, se eu for falar de uma música que me representa sabe eu vou falar a do MC K, Pega a visão, nessa música ele começa dedicando para todas as pessoa que desacreditou dele, e quando eu cheguei na escola todos os professores sabiam que eu era da fundação e diziam que eu não seria ninguém. Eu quero me torna bombeiro pra eles vê que eles tavam errado memo, quando desacreditaram de mim. É isso, tem que acreditar. Cês vão ver onde o muleque vai tá” (BL).

Figura 8 - A vitória dos pretos já tá pra chegar



Fonte: Ilustrado por Ervelley Moreira Cardoso dos Santos

7. REFERÊNCIAS

ABREU J. L. M.; CARVALHO, E. V. O discurso médico-higienista no Brasil do início do século XX. *Trab. educ. saúde*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 427-451, Nov. 2012.

AMBROSIO, L. **Raça, gênero e sexualidade**: uma perspectiva da terapia ocupacional para as corporeidades dos jovens periféricos. 2020. 165 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Terapia Ocupacional, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020.

ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Jandaíra, 2021. 255 p.

BARBOSA, J.; CRUZ, M. G. da; LEAL, R. M. da S. Práticas no atendimento integral às famílias acompanhadas pelo programa de medidas socioeducativas: avanços e desafios. In: MARQUES, Glaziela Cristiani Solfa; DIAS, Aline Fávoro (org.). **Olhares compartilhados**: uma história sobre as medidas socioeducativas em meio aberto no município de São Carlos. São Carlos: Riane Costa, 2012. p. 191-203.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. 5ª Ed. Lisboa: Edições 70; 2009.

BENEDITO, D. **Os deserdados do destino**: construção da identidade criminosa negra no Brasil. *Revista Palmares Cultura Afro-Brasileira*; 52: 63. Brasília, Fundação Palmares, 2005.

BRASIL. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA). **Diretrizes nacionais para a política de atenção integral à infância e à adolescência**. Brasília: Conanda, 2000.

BRASIL. Lei nº. 8.069, de 13 de Julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. 13. Ed. São Paulo: Atlas, 2006.

BRASIL. Secretaria-Geral da Presidência da República. **Guia de políticas públicas de juventude**. Brasília, 2006.

BRASIL. Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE). **Levantamento SINASE 2016**. Brasília: Sinase, 2018. Disponível em <http://www.mdh.gov.br/todas-as-noticias/2018/marco/Levantamento_2016Final.pdf>. Acesso em: 06 de junho 2018.

BRASIL. Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios (TJDFT). Poder Judiciário da União. **Medidas Socioeducativas**. Disponível em: <<https://www.tjdft.jus.br/cidadãos/infancia-e-juventude/informacoes/medidas-socioeducativas-1>>. Acesso em: 18 maio 2018.

BRASIL. União Pela Vida (UPV). **Obras social**: Salesianos São Carlos. 2020. Disponível em: <https://upv.org.br/obra/89-salesianos-sao-carlos>. Acesso em: 12 abr. 2020.

CAIADO, K.R.M. **O aluno deficiente visual na escola**: lembranças e depoimentos. Campinas: Autores Associados; 2003.

CUSTÓDIO, T., A. Per-vertido Homem Negro: reflexões sobre masculinidades negras a partir da categoria de sujeição. In: RESTIER, Henrique; SOUZA, Rolf Malungo de (org.).

Diálogos Contemporâneos sobre homens negros e masculinidades. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2019. p. 131-161..

FANON, F.. **Pele negra, máscaras brancas.** Bahia: Editora Edufba, 2008

FERNANDES, F. **A integração do negro na sociedade de classes.** Vol. 1 - O legado da raça branca. São Paulo: Dominus/Editora Universidade de São Paulo, 1965

FERNANDES, F. **O negro no mundo dos brancos.** São Paulo: Difel, 1972

FUNDAÇÃO CASA. **A Fundação - História.** 2010. Disponível em: <<http://www.fundacaocasa.sp.gov.br/View.aspx?title=a-fundacao-historia&d=83>>. Acesso em: 08 dez. 2018.

GALHEIGO, S. M. O cotidiano na terapia ocupacional: cultura, subjetividade e contexto históricosocial. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo.** 2003; 14(3):104-9

GÓES, L.. **A "tradução" de Lombroso na obra de Nina Rodrigues:** o racismo como base estruturante da criminologia brasileira. Rio de Janeiro: Revan, 2016. 296 p.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística **Informativo IBGE sobre Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil.** Estudos e Pesquisas - Informação Demográfica e Socioeconômica, n.41, em nov. 2019

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada . **Atlas da violência 2021.** Brasília; São Paulo: IPEA; FBSP, IJSN, 2021. Disponível em <<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes>>. Acesso em 17 nov. de 2021.

JIMENEZ, L.; FRASSETO, F.A. FACE OF DEATH: THE LAW IN CONFLICT WITH YOUTHS. **Psicol. Soc.,** Belo Horizonte , v. 27, n. 2, p. 404-414, Aug. 2015 .

KILOMBA, G. **Memórias da plantação:** episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

LOMBROSO, C. **O homem criminoso.** Rio de Janeiro: Rio Editora, 1983.

MAIA, K. S.; ZAMORA, M. H. N. O Brasil e a lógica racial: do branqueamento à produção de subjetividade do racismo. **Psicol. clin.,** Rio de Janeiro , v. 30, n. 2, p. 265-286, 2018

MARQUES, G. C. S. Reflexões sobre o processo socioeducativo desenvolvido no programa de medidas socioeducativas em meio aberto - Salesianos São Carlos. In: MARQUES, Glaziela Cristiani Solfa; DIAS, Aline Fávaro (org.). **Olhares compartilhados:** uma história sobre as medidas socioeducativas em meio aberto no município de São Carlos. São Carlos: Riane Costa, 2012. p. 43-63.

MATIAS, A.C.C. **Medidas Socioeducativas.** 2012. 57 f. Monografia (Especialização) - Curso de Bacharelado em Direito, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2012.

MEIHY J.C.S.B., Holanda F. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto; 2015.

NASCIMENTO, A.O **genocídio do negro brasileiro: processo de uma racismo mascarado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

NEVES, M.. **Nina Rodrigues: as relações entre mestiçagem e eugenia na formação do povo brasileiro**. 2008. 85 f. Dissertação (Mestrado em História da Ciência) - Curso História da Ciência, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

PINI, F.R.O. Estatuto da Criança e do Adolescente, 25 anos de história. In: VIEIRA, A.L.; PINI, F.R.O.; ABREU, J. **Salvar o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2015. Livro eletrônico.

Projeto Orgânico Inspetorial (POI); In: A Obra Salesiana no Brasil no seu cinquentenário, (Arquivo histórico da Inspeção de São Paulo); **Revista Salesianos** - São Paulo, 1999.

SCISLESKI, A.C.C.et al . Medida socioeducativa de internação: estratégia punitiva ou preventiva?. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte , v. 27, n. 3, p. 505-515, Dec. 2015 .

SMOLEN, J.R.; ARAÚJO, E.M. Raça/cor da pele e transtornos mentais no Brasil: uma revisão sistemática. **Ciências & Saúde Coletiva**, v. 22, n.12, p. 4021-4030, 2017.

SOUZA, N.S. Introdução. In: SOUZA, N.S. **Tornar-se Negro: As vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1990. Cap. 1. p. 17-10.

VIEIRA, P. Acompanhamento do adolescente em cumprimento de medida socioeducativa em meio aberto: tecendo olhares e práticas profissionais. In: MARQUES, Glaziela Cristiani Solfa; DIAS, Aline Fávoro (org.). **Olhares compartilhados: uma história sobre as medidas socioeducativas em meio aberto no município de São Carlos**. São Carlos: Riane Costa, 2012. p. 67-78.

TEIXEIRA, I.M.; SILVA, E.P.História da eugenia e ensino de genética. **História da Ciência e Ensino: construindo interfaces**, [S.l.], v. 15, p. 63-80, maio 2017. ISSN 2178-2911.

WAQUIM, B.B.; COELHO, I.M.; GODOY, A.S.M. A história constitucional da infância no Brasil à luz do caso do menino Bernardino. **Revista Brasileira de Direito**, Passo Fundo, v. 14, n. 1, p. 88-110, abr. 2018. ISSN 2238-0604.

WILLIAMS, D. R.; PRIEST, Naomi. Racismo e Saúde: um corpus crescente de evidência internacional. **Sociologias**, Porto Alegre , v. 17, n. 40, p. 124-174, Dec. 2015 .

ZAPPE, J.G.; RAMOS, N.V. Perfil de adolescentes privados de liberdade em Santa Maria/RS. **Psicol. Soc.**, Florianópolis , v. 22, n. 2, p. 365-373, agosto. 2010 .

APÊNDICES

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO RESPONSÁVEIS

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Resolução 466/2012 do CNS)

IN MEMORIAM DA LIBERDADE: Histórias de jovens negros em cumprimento de medida socioeducativa

O adolescente pelo qual você é responsável está sendo convidado a participar da pesquisa “IN MEMORIAM DA LIBERDADE: Histórias de jovens negros em cumprimento de medida socioeducativa”.

O objetivo deste estudo é compreender como as questões relacionadas aos aspectos étnicos raciais e de masculinidade atravessam a história de vida e a saúde mental dos jovens sob aplicação de medidas socioeducativas. A participação é voluntária e, caso aceite colaborar, a qualquer momento poderá retirar a participação e seu consentimento, sendo que sua recusa não trará nenhum prejuízo na sua relação com o pesquisador ou com a instituição.

A participação do adolescente será responder a uma entrevista que buscará identificar a percepção dele sobre como ser negro, de gênero masculino influenciou ou não sua história de vida e sua saúde mental. Essa entrevista será gravada em áudio e acontecerá em encontros realizados individualmente e conduzidos pela própria pesquisadora, a qual será combinada previamente, respeitando as preferências dos adolescentes quanto à horário. O tempo utilizado para coleta dos dados será entre 40 minutos a 1 (uma) hora por encontro, podendo ser de 2 a 3 encontros.

As respostas serão tratadas de forma anônima e confidencial, ou seja, em nenhum momento será divulgado o nome do adolescente em qualquer fase do estudo. Quando for necessário exemplificar determinada situação, a privacidade dele será assegurada. Os dados coletados poderão ter seus resultados divulgados em eventos, revistas e/ou trabalhos científicos.

A participação nos encontros não deve oferecer risco imediato, porém algumas perguntas podem remeter à algum desconforto, evocar sentimentos ou lembranças desagradáveis ou levar à um leve cansaço após responder os questionários, no entanto, as pesquisadoras se responsabilizam pelos cuidados e acolhimento dessas questões à medida que forem possíveis e, ainda, oferecer os devidos encaminhamentos para os seguimentos e serviços adequados, caso se façam necessários. Além disso, caso algumas dessas possibilidades ocorram, e o participante deseje o encontro poderá ser imediatamente suspenso.

Você não terá nenhum não terá que arcar com nenhum custo referente a realização dos encontros, nem tampouco receberá compensação financeira ao participar do estudo.

Este trabalho poderá contribuir para a produção de conhecimento na área da saúde mental e medidas socioeducativas, de forma a garantir um novo olhar para as questões étnico-raciais e a masculinidade de jovens.

Você receberá uma via deste termo, rubricada em todas as páginas por você e pela pesquisadora, onde consta o telefone e o endereço da pesquisadora principal. Você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e a participação do adolescente agora ou a qualquer momento.

Você poderá ter acesso a este documento sempre que for do seu desejo. Após a entrevista, nos comprometemos em realizar a transcrição e retornar a você para ajustes, recortes e avaliação dos trechos que serão divulgados. Você poderá solicitar a não divulgação de trechos ou totalidade da entrevista e ter acesso integral aos resultados e análise produzidos na pesquisa.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da participação do adolescente pelo qual sou responsável na pesquisa e concordo com sua participação. A pesquisadora me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar

que funciona na Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP – Brasil. Fone (16) 3351-8028. Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br

Endereço para contato (24 horas por dia e sete dias por semana):

Pesquisadoras Responsáveis: _____

Endereço: _____. CEP: _____

Contato telefônico: _____

E-mail: _____

Local e data: _____

Nome do Pesquisador

Assinatura do Pesquisador

Nome do Participante

Assinatura do Participante

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO JOVENS

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Resolução 466/2012 do CNS)

IN MEMORIAM DA LIBERDADE: Histórias de jovens negros em cumprimento de medida socioeducativa

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “IN MEMORIAM DA LIBERDADE: Histórias de jovens negros em cumprimento de medida socioeducativa”.

O objetivo deste estudo é compreender como as questões relacionadas aos aspectos étnicos raciais e de masculinidade atravessam a história de vida e a saúde mental dos jovens sob aplicação de medidas socioeducativas. A participação é voluntária e, caso aceite colaborar, a qualquer momento poderá retirar a participação e seu consentimento, sendo que sua recusa não trará nenhum prejuízo na sua relação com o pesquisador ou com a instituição.

A sua participação será responder a uma entrevista que buscará identificar a percepção dele sobre como ser negro, de gênero masculino influenciou ou não sua história de vida e sua saúde mental. Essa entrevista será gravada em áudio e acontecerá em encontros realizados individualmente e conduzidos pela própria pesquisadora, a qual será combinada previamente, respeitando as preferências dos adolescentes quanto à horário. O tempo utilizado para coleta dos dados será entre 40 minutos a 1 (uma) hora por encontro, podendo ser de 2 a 3 encontros.

As respostas serão tratadas de forma anônima e confidencial, ou seja, em nenhum momento será divulgado o seu nome em qualquer fase do estudo. Quando for necessário exemplificar determinada situação, a privacidade dele será assegurada. Os dados coletados poderão ter seus resultados divulgados em eventos, revistas e/ou trabalhos científicos.

A participação nos encontros não deve oferecer risco imediato, porém algumas perguntas podem remeter à algum desconforto, evocar sentimentos ou lembranças desagradáveis ou levar à um leve cansaço após responder os questionários, no entanto, as pesquisadoras se responsabilizam pelos cuidados e acolhimento dessas questões à medida que forem possíveis e, ainda, oferecer os devidos encaminhamentos para os seguimentos e

serviços adequados, caso se façam necessários. Além disso, caso algumas dessas possibilidades ocorram, e você deseje, o encontro poderá ser imediatamente suspenso.

Você não terá nenhum não terá que arcar com nenhum custo referente a realização dos encontros, nem tampouco receberá compensação financeira ao participar do estudo.

Este trabalho poderá contribuir para a produção de conhecimento na área da saúde mental e medidas socioeducativas, de forma a garantir um novo olhar para as questões étnico-raciais e a masculinidade de jovens.

Você receberá uma via deste termo, rubricada em todas as páginas por você e pela pesquisadora, onde consta o telefone e o endereço da pesquisadora principal. Você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e a sua participação agora ou a qualquer momento.

Você poderá ter acesso a este documento sempre que for do seu desejo. Após a entrevista, nos comprometemos em realizar a transcrição e retornar a você para ajustes, recortes e avaliação dos trechos que serão divulgados. Você poderá solicitar a não divulgação de trechos ou totalidade da entrevista e ter acesso integral aos resultados e análise produzidos na pesquisa.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da minha participação na pesquisa e concordo com a minha participação. A pesquisadora me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP – Brasil. Fone (16) 3351-8028. Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br

Endereço para contato (24 horas por dia e sete dias por semana):

Pesquisadoras Responsáveis: _____

Endereço: _____. CEP: _____

Contato telefônico: _____

E-mail: _____

Local e data: _____

Nome do Pesquisador

Assinatura do Pesquisador

Nome do Participante

Assinatura do Participante

APÊNDICE C - ROTEIRO UTILIZADO NOS ENCONTROS COM OS JOVENS

MOMENTO 1

Bom dia _____, eu me chamo Alice e gostaria de começar agradecendo você por topar participar da pesquisa “*IN MEMORIAM DA LIBERDADE: Histórias de jovens negros em cumprimento de medida socioeducativa*” e estar aqui comigo hoje.

Essa pesquisa é relacionada ao departamento que estudo, o de Terapia Ocupacional da UFSCar. Essa pesquisa é para entender a realidade de vocês, para que as pessoas possam ver vocês de outra forma, e possam entender quais são as batalhas que vocês enfrentam por ser vocês. Assim como a música apresenta para pessoas que nunca passaram por isso uma nova realidade e uma chance de pensar sobre ela, essa pesquisa será publicada para que a sua história e de outros meninos como você seja vista de outra forma.

A realidade de vida que quero entender nessa pesquisa virá de você, de como é para você ser um menino negro e como isso impacta no seu encontro com o ato infracional e as medidas socioeducativas e se tem sofrimentos que você gostaria de me dizer.

Se você topa participar dessa conversa, eu vou precisar ler pra você um termo de consentimento, que explica a pesquisa, e que eu tenho obrigação de ler para que você possa concordar

➤ **Leitura/retomada do TCLE**

- reforçar que tanto o juiz não terão acesso ao que for falado no encontro pois o nome não será divulgado, não sendo possível identificá-los

MOMENTO 2

➤ **Pedir ao participante que também possa se apresentar (HISTÓRIA DE VIDA)**

- De onde vem? (estado/cidade, bairro)
- Como era/é o lugar de onde você vem?
- Com quem viveu?
- Como você era quando você era criança?
- Quem mora com você? (se tem irmãos, pai e mãe e se vive com eles)
- Quem sustenta as contas e como?
- Quem trabalha, trabalha com o que?

- Como é a casa que você mora? (dorme no quarto sozinho ou divide)
- Você se sente bem na sua casa? (confortável)
- Como é a relação com as pessoas que você vive na sua casa?
- Você tá na escola? (se pretende voltar se não o porquê)
- Como é ou foi sua experiência na escola?
- Existe alguma música que te lembre ou represente quem você é e de onde vc vem?

➤ **Como ele chega às medidas socioeducativas? (CAMINHO ATÉ MSE)**

Positividade: Mc Bola, Mc Magal (até 01:00)

- Que medida tá cumprindo?
- Primeira medida ou reincidente ?
- Quanto tempo tá cumprindo e quanto falta pra acabar?
- O que você entende por MSE?
- Se você se sentir à vontade, me conta a história da sua chegada aqui na MSE
- Como você acha que sua família viu todo esse processo?
- Como é pra você cumprir as medidas?
- Como você se vê antes e depois da MSE? (como vê isso na sua história)

➤ **Olhando para a sua história (NEGRITUDE)**

Mc IG: Vitória dos pretos (até 01:58)

Negro Drama: Racionais MC (até 1:25)

- Quando ou como você se percebeu negro?
- Tem alguma lembrança na sua infância relacionada ao fato de você ser negro? (quando você lembra da sua infância, teve momentos que você sente que foi tratado diferente por ser negro? Ou que foi deixado de lado?)
- Quando você pensa nessa lembrança, que sentimento te remete?
- Hoje em dia você costuma viver situações desagradáveis por ser negro? (Conte uma ou mais)
- Quando você foi abordado no ato infracional sentiu que foi tratado diferente por ser negro?

- No julgamento da medida você sentiu que sua cor teve influência?
- Agora, cumprindo as medidas, você sente alguma diferença no tratamento entre você e os meninos que não são negros?
- Você já quis ter uma cor diferente da que você tem?
- Hoje, como você se sente em ser um menino negro?
- Como a sua família vê o ser negro?
- Quem te inspira? (nome fictício que vai aparecer pesquisa)

➤ **Reconhece diferenças por ser homem? (MASCULINIDADE)**

Gente da gente: Mc Lipi (0:13 até 1:22)

- Pra você quais são as diferenças entre homens e mulheres?
- Na sua infância, se você fosse mulher, como você acha que você teria sido criado ou educado?
- Quais são as diferenças na criação de homens e mulheres?
- Como é a sua relação com as mulheres? (irmãs, mães, filhas)
- Como é a sua relação com as meninas que você anda?
- As pessoas que você mais anda ou mais confia são mulheres ou homens? (amigos, colegas)
- Você sente que tem diferença na maneira como você é visto pela sociedade em comparação com as meninas?
- Você acha que tem diferença na abordagem policial por você ser um homem?
- Você acha que teve diferença no julgamento da MSE por você ser homem?
- Você se sente tratado de maneira diferente das meninas no cumprimento da medida?
- Como você acha que é visto pelas meninas? O que sente que elas pensam sobre você?

➤ **Como você se vê lá na frente? (PROJEÇÕES PARA O FUTURO)**

Bom dia menor: Mc Robbs (2:18)

- Você tem algum plano para o futuro?

- O que você pretende fazer quando terminar as medidas?
- Tem algum sonho/desejo?

MOMENTO 3

➤ Sinalizar o caminho para o fim do encontro perguntar como o participante está se sentindo

- Você quer falar mais alguma coisa que não te perguntei?
- Você precisa de alguma coisa? Tá tudo bem, como você se sente?
- Como se sentiu realizando a entrevista?

➤ Agradecer a participação dele e reforçar que (parar de gravar)

- a qualquer momento você pode desistir da pesquisa se quiser
- os dados pessoais não serão divulgados
- após a transcrição (explicar o que é, e que caso não seja alfabetizado eu posso me comprometer de fazer a leitura) você poderá aprovar o texto
- assim que pesquisa for concluída você terá acesso a ela (quanto tempo demora e como ele vai ter acesso)
- pode entrar em contato comigo caso não fique bem em decorrência da pesquisa

➤ Apresentação sensível da pesquisa e da pesquisadora

Um MC compõe para contar sua realidade e também pra dizer sobre ele, e assim sou eu com essa pesquisa, compondo uma história para mostrar uma realidade que também faz parte da minha vida, então também diz sobre mim. Por isso, antes da gente começar eu queria me apresentar e contar um pouco para você o porquê eu faço essa pesquisa.

Sou nascida e criada onde o mundo é diferente da ponte pra cá na zona sul de São Paulo, capão redondo. Tive uma caminhada com muitos tropeços, deslizos, até achar o meu caminho certo. Mas alguns dos meus não conseguiram se levantar depois de algumas derrotas, e essa a história do meu primo, aos 19 anos foi assassinado por um policia. A moto era dele, o corre não tinha nada de errado, mas o policial se sentiu ameaçado com o jeito dele de brincar empinando a moto, ele só estava indo comprar pão. O fardado atirou nele na moto, levou ele pro hospital e lá

enforcou ele, gravou isso e mandou no grupo da família e dos amigos dizendo que era isso que acontecia com “os vermes que mexiam com a polícia”. Isso tudo foi em 2016 e 2017 entro na universidade, aqui na UFSCar.

Entrei nesse mundo tão branco, tão diferente do meu e com tanta gente rica e me perdi mais uma vez. No meio dessa caminhada encontrei forças para honrar minha família e a história do meu primo através da pesquisa, e por isso hoje que faço essa pesquisa, em nome do meu primo Augusto, mas de todos os que são como eles, jovens negros da periferia, mortos, presos ou destrutados injustamente por policiais, e por todas as famílias que sofrem vendo seus filhos viverem isso. E assim decidi fazer essa pesquisa

Pra terminar minha apresentação por isso a música que trago hoje para dizer sobre mim e meu desejo de justiça perante essa vida:

“O futuro chegou e ainda usamos corrente

Escravidados através do tráfico de entorpecente

Nos empurram todo dia goela a abaixo

Ódio, medo, desespero e incentivo à violência

Dizem que somos bandidos

Mas quem mata usa farda e exala despreparo e truculência

Cada beco da cidade guarda um pouco da guerra”

Favela Vive 2: MV Bill, Fukeiro e B.K.

ANEXOS

I - PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: IN MEMORIAM DA LIBERDADE: Histórias de jovens negros em cumprimento de medida socioeducativa

Pesquisador: Maria Fernanda Barboza Cid

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 40730120.6.0000.5504

Instituição Proponente: Universidade Federal de São Carlos/UFSCar

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.614.360

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1660625.pdf, de 10/02/2021) e do projeto (projeto_Alice_Andrade.pdf), de 10/11/2020: